



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

O coxinha e o reino do céu!

Coxinha é termo pejorativo usado na gíria para descrever uma pessoa "certinha", "arrumadinha" cheia de "nhenhênêm". Tendo sua origem em São Paulo, a palavra coxinha quase sempre tem sentido depreciativo, quem a usa deseja simplesmente denegrir a pessoa; é usada ainda como sinônimo de mauricinho (filho de papai rico).

Nos últimos tempos aqui no Brasil, de modo especial nas redes sociais, a expressão vem sendo empregada por quem se diz de esquerda ou defende o governo para tisonar de burguês quem for de oposição. Um burguês renitente, malvado, que corrompe tudo mundo – tipo desses que estão na cadeia e que são amigos de cama e mesa do Lula. Desse modo, coxinha, que era gíria localizada destinada a fustigar paulistano quatrocentão acabou espalhada por todo o país.

A partir do agravamento da nossa crise econômica (provocada pelos próprios governantes de esquerda) o termo tem servido para exacerbar um dos mais antigos preconceitos, ou seja, menosprezar quem tem muita grana. Não é fácil simpatizar com milionário, é ou não é? E adianta lembrar que isso se chama inveja? A regra é clara: a gente odeia rico até o dia em que fica rico. Ou até o momento de chegar ao poder para se lambuzar em jatinhos, uísque e vinhos importados, roupas caras...

Mais, a esquerda e seus militantes precisam – sempre, eternamente – criar um bode expiatório pelas suas burradas, para as tragédias que corriqueiramente varrem para debaixo do tapete da história. É fenômeno universal! O critério básico de parte daquilo que chamamos de esquerda, depois que apronta, é culpar alguém. O teórico, o filósofo, o professor, o sociólogo, o economista, o político, o governante de esquerda jamais erra. E essa missão de encontrar o bode, aqui no Brasil, acabou sendo fácil.

Com a estreita ligação das esquerdas, desde a origem aqui no Continente, com a Igreja, bastou apelar para a Bíblia Sagrada e lembrar ao coxinha que seu destino é o inferno. Como diz o cara que comenta esporte na Globo, a Bíblia é clara:

"E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade. E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me. Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico. E, vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Lucas 18:25)".

E agora, José? Como é que fica, José?

Nada fácil responder! É muita tese e antítese alimentando a dialética. Assim, de soslaio, parece que o coxinha continuará tendo dificuldades para ingressar no reino dos céus, mas terá mais parceiros na fila de espera com os cortes que o governo faz no Bolsa Família. Sim, embora sempre condenado ao inferno é o coxinha quem gera a grana que sustenta o Bolsa Família. Contradição? Brigue com a dialética. Com as burradas feitas pela esquerda os negócios dos coxinhas produzem menos, sobra menos dinheiro para os pobres e o diabo faz a farra, que este, pragmático, não dá importância para ideologias!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Os números do Brasil democrático estarrecem

Afinal, que país é esse? Procede a pergunta? Qualquer passeio pelas estatísticas, especialmente a partir de 1990, torna a indagação pertinente. Fixo essa data por marcar o fim da direita, com José Sarney, no comando da vida nacional. A partir da cassação de Collor, só a esquerda governou: Itamar Franco (do grupo dos autênticos do MDB, vital para redemocratização), FHC, Lula e Dilma. Em diferentes composições PT, PMDB, PDT, PCdoB e outros tismados como esquerda vem mandando e desmandando.

Somos governados só por gente que esteve na linha de frente na condenação ao arbítrio, com discurso afinado contra a direita retrograda e receita pronta salvar o País. Gente que entendia tudo, tinha certeza sobre tudo e garantia faltar só vontade política para por ordem na casa e fazer um Brasil justo. Tudo muito fácil, claro.

E o que temos após três anos de Itamar, 8 anos de FHC, 8 anos de Lula e nos encaminhando para e de Dilma? São 25 anos de governo de esquerda, com sinceridade, o que temos? Cada um julgue pelos números que não são de esquerda, nem de direita. Números defasados, pois não primamos pela exatidão. E no julgamento não esqueça que deixamos de fora dos dados aqui estampados a praga da corrupção (mensalão, Lava-Jato) contrabando, disseminação da droga, caos de ensino básico e na saúde.

Como se define o País que registra média anual de 30.000 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes? Nos últimos três anos só aumentaram as denúncias de violência contra idosos. Foram de pouco mais de oito mil em 2011 para mais de 23 mil em 2012 e quase 40 mil registros de todo tipo de abuso em 2013.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública foram 50.320 estupros (contra adultos e adolescentes dos dois sexos) em 2013. Existiria alguma razão para ter diminuído de lá para cá. Em 2014, do total de 52.957 denúncias de violência contra a mulher, 27.369 corresponderam a violência física.

Como se define quem não respeita crianças, adolescentes, mulheres e idosos?

Mudando de rumo: o número de cargas roubadas em 2014 foi 17.500. O Brasil tem risco superior ao México, Somália e Síria, tidos como de "altíssimo risco". Nossa amada Pátria tem um roubo de carro a cada três minutos: mais de 213 mil foram roubados em 2014. O Brasil tem a terceira maior taxa de roubos na América Latina, segundo o Programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD). Dados de 2011 no relatório apontam taxa de roubos a cada 100 mil habitantes no Brasil de 572,7. Entre 18 países analisados, só Argentina (973,3 roubos a cada 100 mil habitantes) e México (688 a cada 100 mil) têm números maiores.

Em 2013 foram um milhão e cem mil registros de roubos. Dados iniciais indicam que em 2015 o número foi superado. Nisso não está computada essa doideira que acontece a todo instante nas cidades de porte médio para cima, onde as pessoas já tem medo de sair na rua porque seus objetos pessoais acabam na mão de malandros. Em número de furtos em lojas, por exemplo, apenas perdemos para a Índia.

A essa estatística macabra que gera violência inexplicável junte-se as mais de 40 mil mortes anuais no trânsito e a carnificina que em 2014 produziu 58 mil assassinatos. Ninguém mata mais do que nós. Falta computar, ainda, latrocínios, assaltos a banco, o número de policiais assassinados em serviço (e, claro, o número de civis mortos por policiais) e essa rotina de agressões que ocorrem nos locais mais inusitados, como as escolas.

É ou não é pertinente indagar que país é este? Quando vamos refletir sem a mistificação dos militantes? Quais valores nos movem? Quem nos serve de exemplo nos últimos 25 anos? A quem esse caos beneficia? Eis um bom tema para 2016!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

35 anos depois outra frente de esquerda?

Em 67 a União Nacional de Estudantes (UNE) encerra o congresso de Vinhedos, São Paulo, antes da polícia chegar com tema quente nos intervalos das plenárias: a divisão da esquerda no Brasil. Éramos três de Passo Fundo e dois, menos experientes, não entendiam porque desse complexo de ameba assolar a esquerda. Naquele tempo qualquer olhar rançoso era motivo para formação de novo grupo capaz de concretizar as "as aspirações das massas" e conduzi-las ao socialismo. Só bravata!

Em 1968, em Ibiúna, também em São Paulo, a polícia deu o troco (éramos cinco de Passo Fundo) e acabamos, por ironia, no Presídio Tiradentes. Nesse congresso o complexo de ameba da pequena burguesia de esquerda também esteve latente. Não sei quantas organizações que lutavam pela "emancipação do proletariado e a construção do socialismo" estavam nesse congresso da UNE. Mas recordo que não poucos entendiam que só uma frente de esquerda tornaria viável a vitória contra a ditadura e o capitalismo.

Atrás das grades do Tiradentes listamos as organizações de esquerda existentes: Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Política Operária (POLOP), Ação Popular (AP), Partido Operário Comunista (POC), Ação Popular Marxista-Leninista (APLM), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Ligas Camponesas, Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), Aliança Libertadora Nacional (ALN), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Liberdade e Luta (LIBELU), Possadistas, Quarta Internacional, Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (Var-Palmares), Comando de Libertação Nacional (COLINA), Movimento de Libertação Nacional Popular (MOLIPO), Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), Dissidência, adiante viria Tendência Proletária, Mocidade Trabalhista, Liga Socialista, Organização de Combate Marxista-Leninista - Política Operária (OCML-PO), Fração Bolchevique da Polop. Ufa!

Por que toco no tema frente de esquerda? Porque lembrei que a sopa de letras da esquerda, em 2016, continua farta: PCB, PCdoB, PSOL, PSTU, PCO, PPS, PSB, PT, PMB, PMN, PPL, Solidariedade (se diz de esquerda quem está no PDT, no PSDB e PMDB) e que estão em formação a ALN, Piratas, PH, Raiz Cidadanista.

Mais: porque o 2015 encerra com gente de esquerda propondo a formação de frente de esquerda. Pode? Tanto pode que estão propondo! Um proponente é Tarso Genro que afirmou: "Nós, que somos minorias dentro do partido (se refere ao Partido dos Trabalhadores), não temos ninguém a nos opor, porque não há hegemonia partidária hoje. Há um condomínio administrativo e um partido em crise, que está se segurando para não entrar numa depressão profunda." Virou Casa da Mãe Joana? Após 12 anos de governo de PT (outros 11 de Itamar e FHC) é declaração emblemática diante do caos econômico, político, social e ético que nos legam as esquerdas que saíram da UNE para governar o Brasil.

Nada de novo, o fenômeno é mundial, a esquerda no poder, nunca consegue responder à dura realidade complexa do país que administra nas não perde a pose e sai procurando discurso mavioso se justificar: nós eleitores adoramos a música da conversa populista em nossos ouvidos. É muito interessante, ou seja, frente de esquerda não tem como funcionar, nunca funcionou, não vai funcionar, mas é proposta atrativa na cabeça do jovem idealista e do eleitorado; é o mofado papo furado por quem, no poder, não sabe resolver os problemas da sociedade. Pior, gera falsas expectativas, especialmente entre os jovens que – como minha geração – fica rodopiando, como faz o cão que deseja morder o rabo, em busca de saída para os problemas que se arrastam. As utopias ministradas pela vaidade, preguiça e oportunismo das esquerdas, fazem gerações e gerações marcarem passo e gerações e gerações sofrerem sem necessidades. Haja paciência, para não dizer haja saco para tanta baboseira...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Lula, o honesto azarado pelas más companhias

O ex-presidente Lula disse que é o cara mais honesto deste País. Com a de pau que lhe é característica deu uma declaração fenomenal: "Se tem uma coisa de que me orgulho e que não baixo a cabeça para ninguém é que não tem neste País uma viva alma mais honesta do que eu. Nem dentro da Polícia Federal, do Ministério Público, da Igreja Católica, da igreja evangélica, nem dentro o sindicato. Pode ter igual, mas eu duvido".

Quem arrisca duvidar? Não sou louco de duvidar. Com sua lábia, com quantia de advogado e assecclas que estão à sua disposição, ainda posso ser processo se ousar duvidar da sua honestidade. Afinal, alguém já viu o Lula cometendo um mal feito? Alguém o viu botando grana dos outros no seu bolso ou na sua conta bancária?

O problema do Lula, por isso as desconfianças que o fizeram lascar a declaração é que ele é muito azarado pelas más companhias. Lula é o honesto mais azarado que conheci nas andanças por plantões policiais. Ele não tem sorte nas companhias. As más companhias o perseguem e ele paga pelos erros dos outros. É caso dos filhos envolvidos com a Polícia Federal! A culpa é do Lula se os filhos enriqueceram de hora para outra e foram pegos com a boca botija? Se os filhos fazem sacanagem a culpa é dos pais? Se os filhos não seguem seus ensinamentos, o que pode ser feito?

Anotem que culpa tem o Lula se os caras que ele escolheu para ajudar governar o Brasil botaram a mão no dinheiro público para corromper quem ousasse se atravessar para atrapalhar seus interesses? Ali no mensalão, por exemplo, Lula sabia de algo? Se ele se diz o cara mais honesto do Brasil tenho que acreditar que não sabia. Naquela época, ao que consta, ele passava maus momentos por causa de unha encravada e não teve disposição para nada, nem para saber porque seus assessores foram pra cadeia.

E os companheiros de partido? Qual sua culpa se os tesoureiros do partido e outros da turminha barra pesada veem o sol nascer quadrado por causa de corrupção? Quer dizer, os caras do partido roubam e a culpa é do Lula? Façam-me o favor! Todos sabem que aquela dinheirama da Lava-Jato fazendo rapa na Petrobrás beneficiou sua turma, sua companheirada, seu partido, mas ele nada sabia. Mesmo porque, nessa época, ele sofria horrores por causa de uma hérnia de disco.

Mais, vocês sabem que o Lula é simpático, bonachão, gosta de ajudar os outros, principalmente grandes empresários, pois são eles que tocam, na real, nosso brasilão. Assim, que culpa ele tem esses caras corromperam seus familiares, seus companheiros, seu partido, seus amigos? Afinal a corrupção sempre existiu no Brasil, é ou não é? Só falta dizer que o Lula inventou a corrupção!

Fiz tais considerações para mostrar que o Lula é honesto, ele de fato é azarado, muito azarado, desastrosamente azarado. Para onde vai, para onde se mexe, não importa o que faça, sempre tem um malvado safado roubando, corrompendo, sacaneando fazendo coisas que colocam em xeque suas virtudes. Ninguém o deixa sossegado, nem aquela menina que insistia em voar na sua cabine privada quando o aero-Lula viajava ao exterior sem a primeira dama.

Creio que é isso: Lula é azarado. Qual a outra hipótese. Ser-vergonha? Cara de pau? Malandro de araque? Que tem família, assessores, companheiros de partidos e amigos envolvidos em falcatruas, em roubalheira é azarado, sim. Alma mais honesta do que a dele somente vamos encontrar no cemitério.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Aedes aegypti em Brasília: um retrato da incompetência

A gente pode confiar nas autoridades nacionais? Encontrar motivo para proferir tal indagação já é sinal de coisa ruim. Tem coisa pior? Eis a questão primeira! Jamais devemos deixar de repetir: a esperança que derrotou o medo foi engolfada pelo que de pior existia em quem nos amedrontava. Hoje isso significa dizer que em rio de piranha jacaré nada de costas e leão bebe água de canudinho.

Não é por acaso que estamos numa crise que abarca quase tudo que diz respeito aos cidadãos. Fechar os olhos para esses fatos é pactuar com aqueles que negam o valor do sacrifício feito pela geração que adubou a esperança com o próprio sangue. E, o pior, podemos estar chegando ao ponto afirmar que a incompetência sustentada num blábláblá ideológico démodé, ainda vai nos trazer mais dissabores.

Enquanto, para ficar só num exemplo, até especialistas internacionais de saúde se arrepiam com a possibilidade do pior que esse mosquito da dengue, do zika vírus, da febre chikungunya pode causar nossas autoridades nos atemorizam com seus péssimos exemplo. Brasília tendo sido assim, não perde uma chance para nos preocupar.

Quando criança, no vai-e-vem entre Palmeira das Missões-Barra Funda-Sarandi, padres e professores tinham frase feitas para os sermões ou as aulas mais contundentes e uma delas sentenciava "as palavras convencem, os exemplos arrastam". E agora, principalmente pelos equívocos que a tal de "esperança" faz no governo, descobrimos que o "mau exemplo é veneno espiritual"

Isto posto, vamos para Brasília, a capital Federal, o centro do poder maior deste Brasil, o local onde nosso destino é traçado: "em plena Esplanada dos Ministérios, a equipe (da TV Globo) encontrou focos de mosquitos, água parada, lixo acumulado, todo tipo de mau exemplo para quem está na batalha de combate ao *Aedes aegypti*".

Pelo relato dos jornalistas "o governo prometeu uma faxina nos prédios públicos contra o mosquito da dengue. A equipe do Bom Dia Brasil fez a primeira blitz e descobriu que essa limpeza não começou nem na Esplanada dos Ministérios. O governo está longe de dar o (bom) exemplo. Em plena Esplanada dos Ministérios, a equipe encontrou focos de mosquitos, água parada, lixo acumulado, todo tipo de mau exemplo para quem está na batalha de combate ao *Aedes aegypti*".

Como algo emblemático os péssimos exemplos vieram, também, do Ministério da Saúde (que saúde?) do Ministério do Planejamento (que planejamento?) do Ministério da Cultura (que cultura?). Quando o relaxamento, a falta de cuidado, a irresponsabilidade, a imundície chega aos gabinetes atapetados dos governantes o que pode fazer a gente acreditar que eles tem algum tipo de interesse com nosso bem-estar! Por que devo acreditar que o governante está preocupado com a nossa saúde se ele não cuida nem dos riscos que o cerca?

Sem dúvida esses fatos revelados pela televisão se constituem num belo retrato da incompetência a que estamos submetidos. Na euforia pela derrota do medo achamos que governar é apenas ter vontade política. É o que dizíamos, falta vontade política. Assim, bastava ter essa vontade que tudo poderia ser feito por qualquer analfabeto. Deu no que deu! Esse passeio do *Aedes aegypti* pela Esplanada dos Ministérios é o perfeito retrato da incompetência que nos comanda...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Lula e o Sitio de Atibaia

Sempre é bom recordar: sem os diferentes movimentos da Igreja Católica, os sindicatos de trabalhadores, o movimento estudantil com seu caleidoscópio de organizações e sem aquilo que alguns chamam de intelectuais de esquerda (línguas venenosas incluem o general Golbery do Couto e Silva, teórico do regime militar, nesse quarteto) Lula não chegaria aonde chegou.

Foi esse quarteto fantástico que gerou as condições para o metalúrgico chegar ao poder. Não foi de uma hora para outra. A trajetória que parecia não ter fim exigiu grandes sacrifícios e, sem força de expressão, até sangue jorrou para que a caminhada alcançasse o êxito desejado. Foi tudo muito penoso, alguns ficaram pelo caminho, outros carregam no corpo e na alma as marcas desse período.

Corriam então os anos de 1960, momento em que o mundo parecia ficar de cabeça para baixo. Música, cultura, teatro, costume, política, tudo foi se modificando rapidamente quando esse aparato foi gestado. Aqui o Brasil, para complicar e fazer as coisas ainda mais difíceis vivia numa ditadura. Algo que também ocorreu em graduação superior de crueldade na Argentina, Uruguai e Chile.

Assim, Lula não era apenas um metalúrgico de discurso fácil, um dirigente sindical com alto grau de esperteza nas negociações com empresários e as autoridades. Lula era algo quase transcendente, pois encarnava um projeto. Precisamos ter presente isso para que possamos compreender melhor o desastre que ele ocasionou: Lula era um projeto.

Ele foi reunindo ao redor de si, com o apoio do referido quarteto fantástico a força para fazer o projeto andar. Pensavam, todos, em algo estrondosamente grande capaz de modificar, para melhor, o Brasil que rapidamente se urbanizava. O projeto ia até mais longe e nele estava o desejo de alcançar repercussão internacional. Não, ele não representava coisa pouca. Era algo extremamente profundo embutido nas utopias que embalavam os que sonhavam o novo mundo da década de 1960. E tinha na ética um de seus pilares mais fortes.

Os discursos nas igrejas, sindicatos, salas de aulas, ruas, universidades foram transpassando o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste, bradando contra todo tipo de mazelas que castigavam nossa sofrida Pátria. E no rol das coisas ruins, a incomodar quase mais do que a pobreza estava a corrupção. Sim, a inaceitável corrupção, a pífida corrupção, degradante corrupção.

Talvez o jovem militante do partido que sustenta Lula, talvez o assalariado jovem do partido não tenha em suas mentes essa dimensão de projeto que ele chegou a representar e que agora o vem conspurcando, dia após, mês após mês, ano após ano, desde que chegou ao poder.

Sem dúvida alguma, sempre agindo como aqueles que sempre condenou, ele colocou no lixo da história esse projeto gestado durante os anos de chumbo. O mensalão, a Lava-Jato, o tríplex que revela grotesca admiração pelo luxo, esse sitio de Atibaia, a bajulação sistemática aos poderosos não há mais qualquer dúvida: Lula foi o maior engodo da nossa geração...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

UNE, a fera enjaulada quer atenção do IBAMA

Estimulada e fundada em dezembro de 1938 sob as bênçãos do getulismo a União Nacional de Estudantes (UNE) voltou a beber água nas mãos do governo após cumprir interessante trajetória de lutas inclusive durante a ditadura militar. A esperança de a entidade voltar a ser a fera de antes está na possibilidade dela se libertar da tutela oficial de Brasília como fez quando rompeu com a ditadura de Getúlio Vargas.

Ao longo de 80 anos a UNE fez um pouco de tudo. Entre erros e acertos foi embalada por utopias que movem os universitários, gente que sabe tudo, que não perdoa os malfeitos e desanca quem "não tem vontade política para melhorar o país". Sua bela trajetória passada lembra fera indomável a exigir o enquadramento dos malfeitores.

Os primeiros anos da UNE - diz seu site - seguem a eclosão do maior conflito da história, a Segunda Guerra. Os estudantes brasileiros, recém-organizados, tiveram ação política forte opondo-se ao nazi-fascismo de Hitler/Mussolini e pressionam o presidente Getúlio Vargas a tomar posição. Em 1942, jovens ocupam a sede do Clube Germânia, na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, reduto dos nazifascistas. No mesmo período, o Brasil entra oficialmente na guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). No mesmo ano, o presidente Vargas concede o prédio ocupado do Clube Germânia para que fosse a sede da União Nacional dos Estudantes.

Adiante a UNE é protagonista da campanha "O petróleo é nosso". Luta forte vai até 1953, quando criam a Petrobras. Por isso é estranho que essa mesma UNE, hoje, feche os olhos e ouvidos para tudo o que vem ocorrendo na empresa, atualmente sendo rapinada pelo maior grupo de corrupção já montado dentro da estatal.

Na renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de impedirem a posse do vice João Goulart a UNE transfere a sede, em 1961, para Porto Alegre. Assim, participa da Campanha da Legalidade para garantir que Jango fosse empossado. Já no poder, Jango foi o primeiro presidente a visitar a sede da entidade e vem desse tempo intensa ação que sempre incomodaria os governantes de plantão.

Volto ao site dela: "A primeira ação da ditadura militar ao tomar o poder em 1964 e depor Goulart foi metralhar, invadir e incendiar a sede da UNE. Ficava clara a dimensão do incômodo que militares e conservadores sentiam em relação à entidade". Nesse ano o presidente da entidade - o hoje senador José Serra - foi um dos oradores do comício da Central do Brasil, um estopim do Golpe Militar.

O regime militar coloca a UNE na ilegalidade e por isso, em 1966, na capital mineira, faz congresso clandestino num porão de igreja. Em 1967 em Vinhedos, São Paulo outro encontro é feito clandestinamente com sucesso e nele Passo Fundo esteve presente. Mesma sorte não teve o congresso de Ibiúna de 68, que teve quase mil universitários presos, cinco dos quais do movimento estudantil passo-fundense. Nesse ano ela reúne cem mil em passeata no Rio pedindo democracia; no ato morre o jovem secundarista Edson Luiz, que motiva outras manifestações em todo o Brasil, inclusive em Passo Fundo cujo protesto reúne perto de oito mil na frente da Catedral.

Com a redemocratização e a chegada da chamada esquerda ao poder em Brasília a UNE se aproxima dos gabinetes atapetados e, como de praxe, arrefece. A fera acaba enjaulada em ambientes atapetados e as más línguas dizem que somente ação forte do Ibama poderá salvá-la.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Brasil da "esquerda"?

Teoricamente, ao menos, este de hoje deveria ser o Brasil da "esquerda". A coisa parece simples: havia ditadura de "direita" e quem mandou a dita cuja para as cucuias assumiu o poder. Óbvio, então, que, tirante Sarney e o início do governo Collor, que deram sobrevida à massa falida, os que nos governaram a partir de Itamar (FHC, Lula e Dilma) estão no território da "esquerda". Certo?

Assim, este gigante dorminhoco, tem a felicidade de permanecer por 25 anos sob o gerenciamento de "esquerda". Levando em conta os pecados que a "direita" comete no poder isso não é coisa pouca. Um quarto de século para a história do país não é lá grande coisa, mas tempo suficiente, ao menos, para dar pequena amostra do que a tal de "esquerda" pode fazer em busca do futuro glorioso. Tão glorioso quanto aquele sonhado ainda sob o tacão da ditadura. Seria uma espécie de remissão dos pecados!

Com a paciência que o militante não possui, pois não é da sua natureza, com a paciência que assessor não precisa ter, pois que sua missão é auxiliar o chefe e com a paciência que o sabujo desmonta com tergiversações, é possível constatar o retumbante fracasso da "esquerda" quando se compara o discurso com a obra.

Há lista longa de temas para dimensionar a resultante da ação das "esquerdas" em 25 anos de desgoverno. Selecionamos alguns para mostrar que um país precisa, para superar seus entraves e problemas, muito além de discurso arrebatador, messiânico, ideológico. Precisa, acima de tudo, de ética, de eficiência administrativa, postura republicana, de poderes que não se curvem com facilidade a cada tilintar das moedas.

Isto posto, indaga-se, como se encontra esse país governado pelas "esquerdas" após se livrar da "direita"? Alguns tópicos podem responder com um pouco de precisão:

1) A economia, depois da gastança desenfreada, retira os pequenos avanços obtidos a partir do Plano Real que nos livrou do buraco deixado pela ditadura; 2) Jamais havíamos presenciado o uso da corrupção como projeto de governo, como política de estado; 3) Nossas taxas de homicídios, tidas como de epidemia pela ONU, fazem duvidar da postura de país civilizado pois levaram ao cemitério quase um milhão de brasileiros no período; 4) Em nossas ruas e estradas morremos como moscas e o número de vítimas não fica longe da crueza que fala dos homicídios. Nosso trânsito é dos mais sangrentos do Planeta; 5) Passaram-se valiosos 25 anos sem implantar um ensino básico capaz de nos tirar de atoleiro, como ocorreu em nações civilizadas; 6) Nosso quadro partidário prostituído impede avanços indispensáveis para a consolidação de uma sociedade realmente democrática; 7) Decantada em prosa e verso as mazelas do nosso saneamento básico não passaram da canção, a realidade ainda nos remete aos períodos medievais; 8) O que dizer do sistema de saúde em que as pessoas morrem na fila do local onde esperam atendimento enquanto nossas altas autoridades usufruem de serviços que deixam o primeiro mundo encabulado? 9) Alguém lembra de grupo tão serviçal aos poderosos como esse sob o mando de Lula? Alguém tem notícia de tanta gente de "esquerda" beijar tanto a mão de tantos burgueses por trocados? Há, na história dos governos do mundo, esquerda tão invertebrada como a nossa?; 10) Como deixaram o nosso sistema carcerário ofender as masmorras do medievo? 11) O número de analfabetos funcionais coloca um ponto de interrogação em nosso futuro; 12) Em que País civilizado um senador sai da cadeia de ameaça levar seus colegas ao xilindró se ele decidir abrir a boa; 13) Quais valores nos legou, nesses 25 anos, as "esquerdas" que nos governa?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O Lula, a esquizofrenia, a esquerda e quejandos

Tratar a população, os súditos, os eleitores como tropa de imbecis, como bando de alienados, como dócil massa de manobra nunca foi exclusividade da "direita". Mas é nessa esquizofrênica postura dos governantes a "esquerda" tem dado esmerada contribuição sofisticando o discurso que deixaria o imortal Mário Moreno vexado.

Até se pode argumentar que falar bobagem não paga imposto. Há essa verdade, mas na história recente da humanidade o custo em dores, vidas, terror, repressão, por conta de quem disse bobagem, ainda não foi possível contabilizar com precisão. Assim, não se deve permitir que passe em branco quando à asneiras, as bobagens são ditas por pessoas de grande influência na sociedade. O custo sempre será alto, como veremos.

Tido como cientista inovador o camponês russo Trofim Lysenko defendeu que "o estudo da genética era pseudo-ciência burguesa que procurava dar justificativa biológica as diferenças de classe, e que aplicando o materialismo dialético, era possível chegar ao triunfo da ciência proletária sobre a burguesa". O genocida esquerdista Josef Stálin, entra em orgasmo a assume a tese. Em suas masturbações mentais Stálin, como fazem seus seguidores ainda hoje, finalmente mandaria os capitalistas para o quinto dos infernos e o proletariado reinaria para sempre.

Entre 1975/1979 Pol Pot, líder dos comunistas no Camboja, resolveu "limpar" o país não de todos os que pensassem de modo anticomunista. Os intelectuais, monges e qualquer pessoa com uma profissão foram considerados "maçãs podres". Quem não foi fuzilado na hora foi para campos de reeducação: morreram quase 2 milhões de pessoas.

Com campanhas tipo "Desabrochar cem flores" e "Grande Salto para a frente", a filosofia arrogante de que sabia como cultivar os grãos o pedófilo Mao Tse Tung (Jean Paul Sartre foi seu admirador) exterminou 75 milhões de pessoas. Mao proclamou que "as sementes são mais felizes quando cultivadas juntas" e então elas foram semeadas em densidade cinco a dez vezes maiores do que a normal. Deu cocô! Mais, "plantações de chá foram transformadas em plantações de arroz, sob argumento de que era coisa de capitalista". Os capitalistas chineses de hoje, herdeiros diretos de Mao, adoram chá com xicaras da melhor porcelana que a China sabe produzir.

E sobre quejandos? Bem, aí a porca continua entortando o rabo, claro um pouco encabulada pelas contradições. O cara que mais ajudou despolitizar a população é o que mais se diz defensor da politização, o que mais bajula os poderosos é o que mais critica os poderosos. É a filosofia das patentes de estradas: faça o que eu digo, não faça o que faço!

Em declaração no rádio e na televisão o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse algo extraordinário, alguma coisa tão fantástica que poderá ser considerada a bobagem do ano entre nós! Com a cara de pau que se tornou uma de suas principais qualidades homem atribuiu à "gente que não gosta de dividir a poltrona do avião" essa falta de credibilidade do governo da presidente Dilma Rousseff. Pode ter crédito quem diz uma bobagem dessa envergadura?

E sobre a esquizofrenia? O melhor é o prezado leitor ir direto ao dicionário. Terá chance de uma leitura fantástica e esclarecedora de como temos sido vítimas dos esquizofrênicos, pequenos ou grandes, que conduzem nossas vidas inclusive porque temos sido muito acomodados...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A vovó e a militante!

Tem gente apostando que existe, hoje em dia, algo beirando a magia na relação dos vovôs com seus netos. Outros dizem que não é nada disso, apenas que vovô e vovó se tornam babões diante dos netos. Sobre isso não há certezas, mas acho que a relação entre vovôs e netos tangencia, muitas vezes, o transcendente. Assim, acho bonito quando a presidente Dilma Rousseff deixa o Palácio do Planalto só para visitar seu neto em Porto Alegre. Sempre acompanho o noticiário que mostra a vovó sorridente.

O ato, na minha visão, acrescenta uma dimensão de humanidade ao pragmático e gélido posto de Presidente do Brasil. A pessoa que ocupa o mais importante cargo da República se comporta como qualquer outra vovó, ou seja, vem a Porto Alegre para curtir babar, como qualquer reles mortal, essa transcendência embutida no neto. Assim, acho que até faz bem para a governabilidade e o País esses momentos de doçura que envolvem a vovó Dilma e o seu neto. Sim, é possível ser avó e governar.

Bem diferente, entretanto, para a governabilidade, essa insistência da presidente em querer governar e ser militante partidária. Sempre, em todos regimes democráticos o governante é leito por um partido (ou mais de um quando existe coligação) mas terá de governar para todos. Se necessário for, até contra seu partido quando os interesses mais altos da Nação ficarem expressos. Essa é a postura de uns presidentes de arraigados princípios republicanos.

Assim, comovente e bonito é assistir a presidente mobilizar todo o aparato que por direito tem à sua disposição – assessores, caros, helicópteros, aviões – para embalar por alguns momentos seu neto. Entretanto, é intrigante e preocupante assistir a presidente mobilizar todo o aparato que por direito tem à sua disposição – assessores, caros, helicópteros, aviões – para visitar com estardalhaço um companheiro de partido que está sob investigações da Polícia Federal acusado de um monte de crimes.

Qual o significado da espalhafatosa mobilização da presidente Dilma Rousseff para ir ao apartamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e, da sacada ficar abanando para militantes convocados pelo partido? Qual o motivo do ato partidário? A presidente está enviando algum recado, alguma mensagem cifrada? Para quem? Para a Polícia Federal? Para o Ministério Público? Para a Justiça?

O que temos neste momento? Temos um cidadão, Lula, investigado numa das operações que apura o maior esquema de corrupção montado no Brasil por qualquer partido político. Coisa escabrosa. Assustadora. Covarde. E esse cidadão recebe uma manifestação acintosa de apoio, de carinho, de desagravo da presidente de todos os brasileiros por qual motivo? Desde o caso Celso Daniel, passando pelo mensalão, pela Lava-Jato Lula e dezenas de outros fatos envolvendo sua companheirada – lembram-se dos aloprados, da grana das cuecas, por exemplo? – Lula ocupa espaço na imprensa e é natural ser investigado, por que, então tal atitude?

A estranha atitude partidária presidencial ocorre com o governo paralisado, já criando teia de aranha e o Brasil descendo a ladeira com a produção econômica encolhendo, o desemprego aumentando, a inflação subindo, nossa credibilidade indo pro brejo. É intrigante a presidente achar tempo, no meio da tormentosa crise econômica e política, para visita “companheiro” acusado de mal feito e não prestigiar eventos que mostram que o Brasil tem saída, desde que levado a sério, como a Expodireto de Não Me Toque, por exemplo. Estranho tempo este nosso aqui do Brasil, muito estranho!

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Cegueira ideológica leva a insânia para salvar jararacas

Depois de vociferar por vinte anos contra a "direita" retrograda, a burguesia decadente, a elite insensível, o capitalista explorador, o americano imperialista e outras enfermidades do cotidiano a "esquerda" verde amarela está vociferando, hoje em dia, contra a Justiça, a Polícia Federal, o Ministério Público, a lógica, a decência. Faz isso justo no momento em que finalmente alguns princípios republicados – a lei é para todo, por exemplo – ganham mais espaço na sociedade. Aqui também, infelizmente, o modelo ideológico que alimentou a utopia universal escorreu pela sarjeta, levado pela falta de caráter de quem se posicionava como salvador da Pátria.

Chega ser deprimente assistir mentes brilhantes, riquíssimas biografias, pessoas ilustradas, intelectuais de respeito retransmitir, com perceptível ódio, o discurso de sarjeta arquitetado para jogar lama em quem ousa desvendar quem está por trás do mais estrondoso jogo de corrupção já implantado no Brasil. Claro, entre as vítimas, o juiz Sérgio Moro, que para mim não passa de um magistrado tentando cumprir com sua missão – e que inevitavelmente não deve ser nenhum santo ou anjo descido dos céus para nos livrar do inferno da roubalheira. A desqualificação dele, urdida nas rendas do Poder Central, lembra o qualificativo que odiávamos: republiqueta de bananas.

Quando se trata de ideologia ou religião o gene tribal que nos escraviza tem essa forte tendência de falar mais alto, ofuscar a razão, aprisionar o bom senso. O que vemos hoje é típico. A histeria subjacente nas manifestações em defesa de acusados na Lava-Jato, especialmente de Lula, é triste prova cabal de que a República que se lasque.

Na metade da década de 1960, numa tensa assembleia do Diretório Acadêmico João Carlos Machado, da Faculdade de Direito (ela funcionava na escada alta) entra no recinto um aluno tido como notório "direitista". Para surpresa da mesa diretora da reunião ele defende, com veemência, as teses propostas pelo Diretório. Depois, quando conversamos sobre essa sua postura disse algo que me irritou, mas com ele não briguei, pois nos tempos bicudos do regime militar não se podia jogar fora qualquer apoio: "não sou de esquerda, a esquerda já provou em todo mundo que não tem competência para governar, eu estive naquela assembleia porque sou contra qualquer ditadura."

Naquele tempo tal postura beirava à blasfêmia. Para nossa tristeza aquele aluno estava coberto de razão, estudioso do tema (soube depois) ele já sabia o que só fica bem claro nos anos de 1980 quando a literatura relata à exaustão o que correria em todos governos de esquerda do Planeta. Porém, nosso vínculo com o gene tribal – sob o jugo do inquestionável e medieval centralismo democrático – impedia enxergar um palmo à frente do nariz. Hoje não importa se fizemos xixi no passado, que se lixe o futuro, não interessa saber a verdade, não se tem necessidade de prender malfeitores, o que importa é salvar a qualquer preço – sobre qual pretexto, mesmo? – um cidadão que é o símbolo de tudo que fraudou todas as expectativas (após a ditadura) de um novo Brasil.

Será necessário o sofrimento de outra geração para esse novo se consolidar? Essa insânia para salvar jararacas vai produzir algo de frutífero? Estamos condenados a ser, eternamente, engenheiros de obra pronta?

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Cuba: derrotados os irmãos Castro chamam a cavalaria americana

Quem circula por Cuba logo se acostuma com os outdoors da propaganda dos Castro: "Socialismo ou morte". Isso Fidel e Raul traçaram como destino do cubano: ou o socialismo ou a morte. Isso durante quase 60 anos de ditadura, homofóbica e feroz que, segundo os comunistas franceses, se consolida após fuzilar, sem julgamento, perto de 18 mil pessoas. Além de fazerem fugir para os Estados Unidos – enfrentando tubarões e a feroz polícia costeira – mais de um milhão de cidadãos.

Hoje a ditadura comunista cubana chega à morte após longa agonia cercada de ironias. A primeira: os Castro fingem esquecer que exigiram todo tipo de sacrifício da população – inclusive roubando-lhe a liberdade – para implantar o socialismo e agora, com a covardia típica dos ditadores, entregam o País em frangalhos de bandeja ao que há de mais representativo no capitalismo mundial: os Estados Unidos.

A segunda ironia? O regime é sepultado sob o toque dos clarins da cavalaria americana e, agora, também sob o aplauso dos comunistas loucos para se livrarem do caos que construíram. O presidente Barack Obama, passando um pito em Raul Castro ao dizer que ele não deve temer a liberdade nem os direitos humanos, faz história.

Derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista estava entre os motivos de levar Castro ao poder. É terceira ironia: trocaram doze por meia dúzia, pois Fidel tornou miserável uma das nações mais ricas da época. Entre dezenas de dados sobre a Cuba pré-fidel citamos: 1) Havana (1906) foi a primeira cidade do mundo a ter telefonia sem necessidade de telefonista; 2) em 1907, estreou em Havana o primeiro aparelho de Raios-X da América Latina; 3) em 1956, a ONU reconheceu Cuba como o segundo país na América Latina com a menor taxa de analfabetismo (só 23,6%); a taxa do Haiti era de 90% e a do Peru, Bolívia, Venezuela, Brasil, Guatemala, 50%; 4) em 1957, a ONU reconheceu Cuba como o melhor país da América Latina em número de médicos per capita (1 por 957 habitantes), com o maior percentual de casas com energia elétrica, depois do Uruguai; e com o maior número de calorias (2870) ingeridas per capita.

Para impor a ditadura comunista Fidel citava a prostituição, hoje a quarta ironia. Nisso os Castro operaram milagre, ou seja, as mulheres que vendiam o corpo por dólar estavam confinadas na capital e hoje estão por toda a ilha, sendo oferecidas aos turistas inclusive por pais e irmãos. Ao lado da grana remetida por ricos exilados de Miami, da grana gerada pelo turismo essa grana da prostituição é parte por demais importante para sobrevivência de muitos cubanos e, lógico, de muitos policiais e gente do CDR.

Quinta ironia: nesses quase sessenta anos de paraíso comunista quantas pessoas fugiram para Cuba para melhorar sua qualidade de vida?

Sexta ironia: a mesma esquerda que condena a ditadura brasileira (com razão) aplaude, defende, propaga a ditadura cubana. Quem explica fenômeno tão inquietante? Os intelectuais que vociferaram para implantar a Comissão da Verdade (algo positivo) para apurar os crimes do regime militar são os mesmos que tudo fazem para esconder os crimes da ditadura cubana, cujas dimensões são de encabular nossos ditadores.

Não deve ser fácil para quem – nos anos de 1960 – via Cuba como alternativa ao imperialismo ianque assistir Fidel e Raul chamarem o imperialismo ianque para puxar a descarga e limpar a sujeita que fizeram naquele que era um dos ricos países do mundo.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Temer deu força para Dilma?

Para quem está aqui na planície nem sempre é fácil captar, antecipadamente, as consequências das atitudes de quem age no Planalto. Lá em cima, no poder, a vida flui em outra dimensão. Duvido que alguém tenha clareza do que pode fazer amanhã o Executivo, o Legislativo, o Judiciário. A coisa chegou à beira do inimaginável quando o próprio Supremo Tribunal Federal – que deveria ser íncrito em todas suas dimensões – deixa vazar documentos em gestação interna como se fosse firula de dona Candinha.

No palco onde se move o jogo de poder dessa República manca constata-se que para sobreviver em baile de cobra sem perneira boa parte de nossos políticos são de um refinamento extraordinário nos movimentos. Os críticos mais açodados diriam que são lobos em pele de cordeiro. Como nem todos possuem os poderes atribuídos às pitonisas muitas vezes atiram no que enxergam, mas terminam por abater o que não estava na alça de mira. Não é juízo de valor, é constatação!

Aqui debaixo o que vemos, ao olharmos para cima, é muita firula, informação de cocheira, muito toma-lá-dá-cá e o quebra-cabeça atropela o que os reles mortais têm por lógica. Não raro tudo parece jogo de pôquer e quem blefa leva. E erra-se à exaustão!

No outro lado da moeda quanto mais provas se colhem nos crimes dos poderosos com influência na máquina estatal parece que eles se tornam mais poderosos. Num rol que tem de tudo – cadáveres, incêndios, roubos, fuga para o exterior, lavagem de grana, corrupção, prevaricação, formação de quadrilhas – a militância (lembrando os três macaquinhos) acaba condenando o juiz. No meu tempo de guri a gente só torcia pelo xerife, hoje quem deveria ser exemplo para as novas gerações quer salvar o bandido mesmo que se tenha que matar o mocinho.

Com essa pálida descrição do cenário nacional achamos que o vice-presidente e Presidente do PMDB, pode ter dado tiro no pé ao tirar seu partido do governo deixando a presidente (sob a batuta de Lula) apta a negociar sete ministérios e 600 cargos. Será?

Postura ética, visão ideológica comportamento republicano, acato a programas de Estado, responsabilidade com a visão de mundo que nasceu do voto não estão entre o costume de boa parte dos deputados. Se tivessem não estaríamos nesse deprimente caos. Ai, o Temer deixa os poderosos “argumentos de sete ministérios e 600 cargos” a serem negociados sem pudor no tradicional balcão de negócios do Executivo Nacional? Logo, vamos saber se essa decisão deu ou não a força que a presidente Dilma esperava para se livrar do impeachment.

PS.: A salvação do Temer pode estar com Cid Gomes que protocolou pedido de impeachment do vice-presidente da República. O ex-governador cearense, político de convicções arraigadas e fortes (já foi do PMDB, do PSDB, do PSB, do PPS, do PROS e agora está no PDT) pode estar fazendo papel de bobo da corte, pois seu pedido legitima e reforça as teses de quem quer o impeachment da Presidente.

Quer dizer, não há pitonisa que consiga ter seu ganha-pão no Brasil! Mais, tem algum professor de lógica na ativa? Assim, ficamos livres para palpar...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula, num enredo para Hollywood termina como mocinho ou na cadeia?

Nascido em Garanhuns, Pernambuco a trajetória de Lula chega em 2016 com enredo capaz de deixar cineasta de Hollywood elétrico. A vida do pau de arara que chegou à presidência tem lances de tirar o flego de quem gosta de filme de suspense. Em tempo: primeiro sobre ele foi enquadrado na categoria "água com açúcar".

Neste segundo, claro, tem a infância sofrida, a ida para a grande cidade, a luta de metalúrgico e líder sindical, a resistência ao arbítrio, tem a cooptação de parte da Igreja Católica, de operários, estudantes, dos pobres, intelectuais e a miríade de matizes que formam nossa esquerda para criar o Partido dos Trabalhadores. Chega à presidência, repete o mandato e faz a sucessora no estilo dos coronéis que mandavam no eleitorado.

Imaginem cenas, uma após a outra, com a competência de cineasta ganhador de Oscar, mostrando o menino descalço, o ranho (aquela substância mais ou menos viscosa segregada pelas mucosas nasais) escorrendo do nariz (isso é sinal de realismo) inicia a caminhada que passa por fábricas, ruas, passeatas e, de repente, corta para o instante em que o FHC lhe passa a faixa. Adiante, tomadas no exterior com Lula recebendo título de doutor em universidade europeia. Enfim figura realmente representativa das aspirações do sofrido povo brasileiro alcança seu espaço. No escuro do cinema um "coxinha" desavisado torce o nariz e não se retira por medo de vaia, já os apoiadores onanistas...

Aí, de repente, com música incidental aumentando o frisson como em momentos macabros em qualquer filme de Hitchcock, surgem no enredo pontos de interrogação lancinantes, questionamentos inquietantes, detalhes sinistros, cobranças sobre coisas escusas, denúncias aterradoras sobre organizações criminosas, mais interrogações, cenas que desconfortam o cara da cadeira pela antevisão de que algo para borrar essa história de contos de fadas pode brotar a qualquer momento. Tudo se encaminha para ser muito pior do que a ação dessa direita tão condenada...

Num corte abrupto, o diretor do filme começa a jogar para o expectador cenas de personagens das relações íntimas desse cidadão tido como exemplar como familiares, amigos, companheiros de partido, dirigentes partidários, megaempresários envolvidos nas maiores roubalheiras do Brasil, todos enriquecendo a custa da população. Como sempre até "madame" prestando serviços sexuais aéreos surge na tela. De novo em nível de deixar a então corja da direita encabulada pelo amadorismo no seu desempenho!

Em outro corte, voz cavernosa mostra o que publicam revistas, jornais e TVs. O apoiador (militante?) interrompe o orgasmo, o coxinha se esparrama na cadeira: 1) cadáveres "suicidados" querem falar; 2) boa pinta de estatal pede e recebe asilo na Europa; 3) incêndios esquisitos queimam o que?; 4) gente chantageando e levando grana grossa para calar o bico; 5) gente botando a mão na grana pública sem dó nem piedade; 6) gente fugindo do Brasil com medo que cadáveres falem; 7) gente ganhando Land Rover (pelos belos olhos?); 8) pé-rapado enriquecendo rápido; 9) tesoureiros de partidos idealistas comprando deputado como quem paga puta no bordel; 10) líder que ama o trabalhador portando-se como vassalos de grandes empreiteiras; 11) defensor dos humildes escondendo tríplices; 12) sítio de encabular milionários das Seychelles abrigam farras da elite do operariado nacional; 13) juiz que quer apurar crimes é açoitado; 14) policial que cumpre o dever é ameaçado...

Um brasileiro, que não quis se identificar, deixa o cinema com medo do final...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula e o impeachment

Contra minhas previsões o impeachment foi aprovado na Câmara Federal. Em tempos de negócios estranhos em apartamentos de hotéis de luxo o horizonte pode ficar nublado. Terá o Senado, agora, coragem de tomar outro rumo? Brasília já acenou: não. Pelo sim, pelo não, continuarei como São Tomé. Na ilha da fantasia tudo é possível.

Veio um impeachment que, em nome do nono, do bis-nono, em nome do Aguço, do Rio da Várzea, da Praça da Cuia, do Poção é muito mais contra Lula do que Dilma, pois fazia tempo que ela se tornara figura decorativa no Palácio. Mas vamos a algumas considerações sobre o que foi votado no domingo:

1-O impeachment precisa concretizar tempo de recomeço. A população chega à exaustão com o peso dessa crise ética, política e econômica. Crise criada por quem nos governa por 14 anos. Eis a questão que se tenta escamotear: os governos do Partido dos Trabalhadores é o principal ator do caos ético, político e econômico que vivenciamos. Os depositários da ética e da moral se enlamearam com rapidez inacreditável e até fica feio dizer que seus aliados estão no mesmo nível. Foi para acabar com eles e não para se aliar como vassalos deles que chegaram ao poder. Recordem o dito da sabedoria do povo: diga com quem andas que te direi quem és...

A inflação maluca gerada pelas tropelias econômicas do final da ditadura e de José Sarney foi domada por Itamar Franco (vice do Collor impedido) com o Plano Real. FHC (mesmo com as asneiras políticas) seguiu a cartilha. No primeiro governo Lula, que rasgara o programa do PT foi na mesma linha (o comando da economia esteve nas mãos fortes do coxinha Henrique Meireles, então estrela do PSDB). Ainda houve postura seria no segundo mandato e tudo começa a deslanchar quando Dilma acha que a vontade política sempre será mais forte do que as leis econômicas.

2- O impeachment revela incompetência da geração tida como de "esquerda" e tem em Lula um símbolo. Quem esteve nas ruas e chegou ao poder produz um desastre que sepulta, vergonhosamente, a esperança gestada em vinte anos de resistência.

3- O impeachment quer saber: até quando Lula e sua turma continuarão tratando a população como portadora de anencefalia? Como podem Lula e sua turma, cercados por mais de 60 pessoas envolvidas em corrupção e sob investigação ou já condenadas e presas (ministros, ex-ministros, dirigentes partidários, tesoureiros de campanha, amigos do peito, marqueteiros, auxiliares diretos, familiares) fingirem que nada sabem?

4- O impeachment está indagando: até quando a preguiça, o tribalismo, o oportunismo, o sectarismo usarão rótulos mofados para definir quem pensa diferente?

5 - O impeachment deve esclarecer por que fazer em Cuba o porto que nos falta, por que fazer no Equador a hidrelétrica que nos falta, por que fazer na Venezuela o trem urbano que não temos, por que o valor da Petrobrás cai de 320 bilhões para 30 bilhões?

6 - O impeachment deve explicar por que para alguns impeachment é golpe e para outros é "coisa constitucional, do jogo democrático"?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O escorpião e o militante

Quem não conhece a fábula do escorpião que prefere o suicídio a lutar contra sua natureza destrutiva? Lá vai: Um escorpião vivia nas margens do rio e durante chuvada, ao ver que a água chegaria à sua toca matando-o, chama o sapo que descansava perto e pede para ser transportado até a outra margem. O sapo diz não por saber que o escorpião lhe picaria provocando sua morte. Mas, com seu grandioso poder de argumentação o escorpião ganha carrona. No meio do rio ele picou o sapo. Antes de morrer o sapo pergunta: Por quê? Agora morreremos os dois. O escorpião só respondeu: Está na minha natureza.

Quem medita, por exemplo, sobre aquele que se define como militante de causas, seitas, partidos, religião, verá que são da mesma natureza desse invertebrado artrópode. Isso inclui desde o cara do Estado Islâmico, passando por grupos neonazistas que vicejam nas cavernas sociais passando fanáticos de esquerda de todos os matizes (no caso em pauta inclusive militantes lulistas tidos como intelectuais ilustrados).

A regra da vida onde a razão viceja é o ser humano ir mudando seus conceitos, sua visão de mundo na justa proporção que agrega novos conhecimentos, novos fatos da ciência, informações mais precisas. Foi desse modo que deixamos as cavernas no passado. O militante vive contra essa regrinha banal, fanatizado se mantém no conceito do homem das cavernas. Acontecimentos reais, evidências sólidas, montanhas de argumentos razoáveis, fatos incontestáveis, nada disso é levado em conta, o que importa é o que o chefe do Estado Islâmico diz, o que o Hitler disse, o que o cara de plantão, no caso Lula, afirma. Ele vai morrer achando que tem razão mesmo que leve consigo montanhas de inocentes. É da natureza do militante (não falamos de analfabeto, falamos de letrado que influencia a sociedade, de pessoa de grande poder de argumentação, como o escorpião, que arrastam as massas).

As pessoas, diferentemente do escorpião, podem mudar? Sim, mas mudar significa assumir, até publicamente, que estavam erradas e raras suportam pagar o preço. Mais, as pessoas, levadas a viver em sociedade, vão formando, ao longo de suas vidas, pequenas tribos, grupos com os quais mais se identificam. Chega um momento que o "eu" se derrete num "nós" que cega e não importa o crime, a maldade, as aberrações que o grupo ou a pequena tribo façam, elas vão defendê-los custe o que custar e, sempre, repito, sempre vão buscar alguém para culpar.

Claro, não há só militante cego. O time que cerca Lula deixa claro isso, há, ainda, militante que radicaliza por se sentir órfão, menor abandonado, mais perdido do que cachorro que caiu da mudança. Ele morrerá buscando culpados. Tem ainda, o cara que se locupletou e continua se locupletando e, diga lá, já nasceu alguém que largue uma teta (ainda mais estatal) facilmente? Ah, sim, o militante sempre dirá que faz tudo pelos mais nobres ideais (pelo bem, pelo povo, pela justiça)...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A mesada ao líder operário, o ódio, o bumbum e o tiro no pé

Vamos por partes, como diria o esquartejador à sua vítima. (Essa é velha, muito manjada, mas se aplica perfeitamente ao momento).

1) O empreiteiro Zuleido Veras disse à odiada revista Veja, que desde da década de 80 o grande líder do proletariado nacional, ou seja, Lulinha paz e amor, recebia mesada da OAS. Na época, coisa pouca para sobrevivência, o cartel das empreiteiras só "foi criado para a eleição de Dilma". E nós, os babacas, votando no bicho... O que o velho Marx diria da esquerda brasileira?

2) Um moço, parecendo desses moços atilados, assistiu grande debate na UPF e afirmou que depois disso, "ficou bem claro que quem está a favor do impeachment é a favor de mais corrupção". O cara crê que em termos de corrupção o nível atual, imposto por Lulinha paz e amor e sua turma, já é suficiente?

3) Segundo o IBOPE 40% dos brasileiros acham que a "democracia é preferível a qualquer outra forma de governo". Para 34% "dá no mesmo se o regime é democrático ou não". Mais: 49% se disseram "nada satisfeitos com o funcionamento da democracia" e 34% "pouco satisfeitos". Alguém ouviu manifestação de preocupação com tais fatos? Faz pouco mandamos para as cucuias o arbítrio e, por causa da classe política inepta, a nova geração já está achando que ditadura é a solução. O que as esquerdas dizem disso?

4) Que tal o espetáculo produzido pela senhora Milena Santos, ex-miss bumbum, que fez ensaio erótico (?) no gabinete do marido Alessandro Teixeira, o petista amigo e coordenador da campanha da presidente Dilma indicado para o Ministério de Turismo? Agora se compreende porque a rapaziada do PT que chega o governo bota a mão na grana alheia: não é fácil sustentar mulher que gasta oito mil reais numa bolsa Dolce & Gabbana. A rapaziada que representa o operariado nacional tem estilo.

5) O incidente da moça quase peladona no gabinete do Ministério de Turismo só ilustra que o caos instalado no Brasil trata-se de outro tiro no pé. Quem estragou com o governo do PT foi o próprio PT. A oposição brasileira, desde o primeiro mandado do Lula, sempre foi fajuta, hilária, incompetente, nunca teve condições de gerar embaraços aos governos do Partido dos Trabalhadores que, no poder, sempre tiveram total apoio do povo e direita pelos segmentos mais poderosos: banqueiros e empreiteiros. Quem está matando o PT é o próprio PT, que além de inepto foi com muita sede ao pote.

6) Hoje se discute quem semeou tanto ódio na sociedade brasileira! Acho que esse poderá se tornar debate didático. Principalmente se revisitarmos dos discursos de Lula et caterva nas campanhas eleitorais. E, de soslaio, avaliar manifestações como a da histórica filósofa Marilena Chaui que "odeia a classe média".

7) No sábado, no almoço na churrascaria do Chico, alguém corta o papo político: "não esqueçam que o Al Capone só foi para a cadeia por sonegar imposto de renda".

8) Tem algo mais ridículo do que conversa mole de intelectual latino-americano tentando explicar Venezuela, Argentina, Cuba e Brasil?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Agora Lula queima biografias

A velocidade com que as coisas estão ocorrendo beira a ficção.

Um exemplo: diante da elite tida como retrógrada tínhamos como essencial que a turma de "esquerda" do Lula chegasse ao poder. Era preciso romper paradigmas. Era essencial que a máquina do Estado fosse gerenciada por gente nova, ética, com visão de mundo abrangente. Era essencial que os trabalhadores do Brasil voltassem a ter novo Getúlio Vargas.

Por esses pialos que a história aplica com maestria a turma chega ao poder. Uns, da "esquerda" do Lula, foram ao orgasmo – sem força de expressão. Não iriam deixar por menos: o sem terra do nordeste iria fazer para os trabalhadores muito mais do que fizera o caudilho e fazendeiro dos pampas.

E, de repente, não mais do que de repente, com perplexidade assomando as faces dos ingênuos, o que era para ser algo da essência da nova história de uma nova Nação torna-se uma nova excrescência quando a "esquerda" se alia ao que há de pior na velha "direita" nacional.

O ponto de inflexão, típico de quem tergiversa com maestria foi mais veloz do que o raio e Lula e sua "esquerda" se jogam aos braços de tudo o que condenavam. Com precisão cirúrgica a turma – inclusive os do Araguaia – faz opção preferencial pelos milionários. Nada tão eficiente para encher os bolsos de grana como qualquer direitista.

E o que se vê agora, com total deboche à inteligência da população?

Adotando postura do avestruz o papo dos teóricos e militantes dessa "esquerda" se resume em tentar salvar Lula da prisão. O cara, tido como líder messiânico, se tornou tão somente chefe da quadrilha que mais roubou a grana que agora falta para hospitais, escolas, estradas, segurança. Há quem diga que Al Capone se vira e revira no túmulo com as últimas informações sobre a ação da quadrilha, mas creio que isso não passa de fofoca de opositoristas.

O resultado disso é que Lula faz fogaréu queimando biografias de historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, professores, intelectuais, acadêmicos prestigiados que se tornam ridículos, patéticos, esquizofrênico ao condenar mandaletes como Cunha, Jucá, Renan, Delcídio, Janene, Corrêa, apenas para esconder os crimes do chefe.

O pior (ou seria o melhor?) dessa tragédia é que a esquerda mundial, órfã desde a queda do Muro que esperava encontrar porto seguro em Lula et caterva (Chaves, Maduro, Cristina, Fidel) continuará de calças na mão. Essa faceta tribal, religiosamente mórbida da "esquerda" nacional que fecha os olhos para o esquema criminoso de Lula segue a cultura da "esquerda" internacional que por anos escondeu sob o tapete os crimes de líderes sádicos, racistas e homofóbicos como Stálin e Guevara.

É desanimador olhar o passado recente, rememorar a luta de homens e mulheres que foram presos, torturados e até mortos e constatar que no presente aqueles tidos como grandes líderes não são nada mais, nada menos, do que meliantes chinelões preocupados com o próprio umbigo. O estranho – insisto – é gente que se diz instruída, que se diz arauto dos novos tempos, integrantes de uma nova esquerda avalize toda essa roubalheira sem ficar minimamente encabulada. E para tal objetivo usam as redes sociais para mentir, inventar, falsificar, mistificar, distorcer e urinar na própria história pessoal. Deprimente!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Muito do futuro depende da Lava Jato: tchau Jucá

Sem força de expressão, a possibilidade de um futuro mais decente dependerá muito de como será concluída a Operação Lava Jato. Nossa ética elástica, decorrência, talvez, do jeitinho brasileiro, nos colocou nessa encruzilhada. Quando se trata disso que os antigos chamam de "os bons costumes" temos sido excessivamente tolerantes no dia a dia. Demasiadamente tolerantes. Ao ponto de acharmos que as virtudes se esfumam tão logo assumimos um cargo público. Somos bons, a política nos torna maus? É isso?

A corrupção não está só entre nossos políticos. Eles não se tornam corruptos de uma hora para a outra. O germe da corrupção está entre nós, até os cegos a enxergam. A Lava Jato não nos fará virtuosos, mas pode colocar freio nesse sistema que a turma do Lula criou de torná-la sistêmica, projeto de governo, de poder. É de suma importância para sepultar de vez a prática da impunidade colocando todos como iguais diante da lei. E a Lava Jato demonstra que isso pode ser doloroso, mas possível.

Assim, qualquer ação que possa significar alguma ameaça ao andamento eficaz das investigações, dos julgamentos e das condenações na Lava Jato deve merecer de imediato todo repúdio da sociedade. Aqui não se pode transigir. Ou seja, ninguém está acima da lei. Apenas a lei, tão somente lei deve balizar o trabalho dos procuradores da República, da Polícia Federal e da Justiça.

Nesse contexto precisamos usar dureza máxima com senador Romero Jucá, atual Ministro do Planejamento, pego com a boca na botija falando em pacto para deter avanços da Lava Jato. Em outra conversa Jucá manifestou preocupação porque, segundo disse, a Lava Jato vai atingir todos os partidos. Qual o problema cara pálida? Isso é virtude e não problema. Oh, cara pálida, se manca, garre tenência, pegue o boné e se mande, não espere esse governo interino adotar a medida indispensável que é mandá-lo para as mãos do Sérgio Moro, para onde já foram muitos.

Como a Operação continuará pegando gente grande, de todos os naipes, de todas as cores, de todos os sexos, de todas as ideologias (notaram como a esquerda é igualzinha à direita quando se trata de botar a mão na grana alheia?) sempre existirá gente disposta a jogar casca de banana no caminho, como Romero Jucá, ou fazer gozações, insinuar parcialidade na tentativa de menosprezar a ação da Lava Jato como o fez a atriz global Monica Iozzi.

Sim, como disse o Jucá, é muita gente envolvida, gente grande, gente de todos os partidos, gente poderosa com o que a sociedade deve ficar de atalaia para reagir a cada tentativa como essas do Ministro do Planejamento e da atriz global. Aqui não se trata de esquerda ou direita, de liberar ou conservador, aqui se trata de corruptos, de gatunos do dinheiro público que está faltando para saúde, segurança, educação e outras áreas essenciais para a qualidade de vida da população. A tolerância, aqui, é zero. Tchau, Jucá!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Brasil sem futuro? Aluno nota 10 daqui é um nota 5 em países desenvolvidos

O PISA e a OCDE passaram uma informação que, óbvio, nossas autoridades e nós mesmos não daremos muita importância embora coloque em cheque nosso futuro como Nação desenvolvida. A coisa é curta e grossa: nosso aluno top de linha, aquele considerado um CDF que tira dez em todas as matérias, alcança média cinco quando comparado ao desempenho de seus colegas dos países mais desenvolvidos.

Apenas para nos situar: 1) o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) - é iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa de 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória; 2) a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) agrega de 34 países que aceitam os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado, que procura fornecer plataformas para comparar políticas económicas, solucionar problemas comuns e coordenar políticas domésticas e internacionais.

A OCDE bisbilhotou os dados levantados pelo PISA nos últimos 15 anos que ficou de olho no desempenho dos estudantes em dezenas de países nas áreas de ciências, matemática e leitura. A coleta foi através de informações dos alunos, dos professores e da escola. É sim uma fotografia bem nítida sobre o tipo de educação que cada país oferece àqueles que serão seu futuro.

A terrível realidade é que essa informação comprova que escola ruim, professor ruim, desestimulado ou mal pago, faz estrago maior do que bomba atômica e as guerras. O Japão, por exemplo, saiu da Segunda Guerra Mundial liquidado - pagou pelo espírito imperialista - e hoje é potência econômica por apostar alto na educação. A Alemanha, arrasada pelas loucuras do nazismo lidera a Europa porque fez a mesma aposta.

O caso da Coreia do Sul, violentada pela guerra é emblemático. Ela tinha, em 1960, quando decidiu apostar firme na educação, PIB per capita de 900 dólares, o Brasil o dobro. Em 1980 empatamos em 5 mil dólares. Hoje, o PIB da Coreia é de 32 mil dólares, o nosso de 12 mil. Em 1960, Brasil e Coreia tinham 35% de analfabetos. Hoje, temos 13% (não contando os funcionais), ela têm zero. Só 18% dos jovens brasileiros estão na universidade, só 18% dos coreanos não estão. A evasão ao fim do ensino médio é de mais de 60% no Brasil, na Coreia é de 3%. Sim, há muitas diferenças entre os dois países - território, população, economia - mas negar o efeito positivo dos coreanos que apostaram firme na educação é burrice.

E o Brasil? Quais foram nossos males para merecermos esse nível educacional que o PISA e a OCDE? Quando lançaram uma bomba atômica aqui no território verde e amarelo? Quais as guerras que arrasaram nossas cidades e nossos campos de cereais?

Como ladainha, nossos especialistas em educação, repetem à exaustão ser da maior importância para formação da pessoa - em todos os sentidos - a existência de um ensino fundamental de qualidade, com professores bem preparados, material adequado, ambiente propício. Justamente muito pouco do que fazemos embora nossos governantes de esquerda, centro ou direita, repetem, como ladainha, que a educação é essencial.

Para agravar tudo aqui somos de um primarismo atroz. Estamos, naquele primarismo de confundir educação com catequese, confundir catequista com professor. E o resultado é esse, estamos, como Nação, ficando para trás. Estaríamos condenados a eterno subdesenvolvimento? Quem pode responder?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Todos do mesmo barro: os governantes do povo pobre adoram a fofura do luxo

Na juventude – época em que a gente é quase tudo, de futuro da Pátria a perfeito idiota – achávamos que, ao contrário dos religiosos, não éramos feitos do mesmo barro. O barro do burguês, do direitista, devia ser de inferior ao barro do esquerdista, do comunista, do líder dos oprimidos. Os atilados – com nosso desdém – urravam: o barro é o mesmo, o oleiro pode ser diferente!

Recordei essa do barro (ou DNA?) ao verificar a esquizofrenia que assoma o discurso do cara de esquerda (socialista, comunista, bolivariano) ao chegar ao poder. O que se diz libertador será o primeiro a oprimir mais cruelmente e viver no luxo justo como os caras que odiava. Na real, se tornam o que condenavam.

Vamos por partes! Conforme a jornalista Vera Magalhães (Veja) “de jardineiros, camareiros, copeiros e garçons a fotógrafos e assessores políticos, Dilma Rousseff tem cerca de 200 funcionários à sua disposição”. Modo fofo de gerar emprego? Aí recordei Lula, fã do vinho Romanée-Conti, reverenciado por enólogos do mundo. Quanto custa a garrafa do mais comum? Quinze, vinte mil? Que fofo: o humilde líder dos oprimidos com trípex na praia, sitio nababesco e paladar de direitista milionário...

Recordei que cada integrante da família do comuna Fidel Castro, bebe leite de vaca específica. Fidel diz que após muitos cruzamentos genéticos encontrou o sabor de leite ideal para cada um dos cinco filhos que teve com a segunda mulher. Comunista fofo, como cuida bem dos filhinhos! Sua fortuna, após fuzilar 17/18 mil cubanos sem julgamento supera os 900 milhões de dólares.

Mao Tse Tung, chefe comuna chinês que matou milhões adorava mordomias, mandava buscar comidas favoritas em todo o país. Um peixe de Wuhan era transportado vivo por mil quilômetros. Quanto ao arroz, exigia que a membrana entre palha e grão fosse mantida, o que significava descascá-lo a mão. Parentes de Mao tem grana em paraísos fiscais e 25% dos milionários da China são do Partido Comunista. Neta desse genocida pedófilo está entre os 300 chineses mais ricos. Fofos os comunistas chineses!

Ser rico é desumano dizia Hugo Chávez antes de tomar o poder na Venezuela. Ao morrer deixa à família (desumana?) fortuna de 500 milhões de dólares e o povo sem nada para limpar a bunda. Em mais de dez países “o gentil líder da feliz Coreia do Norte, Kim Jong o escambau guarda US\$5 bilhões suavemente obtidos em 60 anos de domínio da família no “rico” País” que ainda tem campos de trabalho forçado.

Josef Stálin, o carniceiro soviético, bateu em luxo os czares que assassinou. Sua mansão, uma fofura, localizada em sua própria vila, ainda é atração turística. Vladimir Putin, herdeiro do falido comunismo da URSS, no qual integrou a temida ex-KGB, lidera a lista dos políticos mais ricos com 70 bilhões de dólares. O rol de demagogos, populistas ou psicopatas esquerdistas é longo e citamos outro: Islam Harimov, dono da República Socialista Soviética do Uzbequistão onde o interesse econômico familiar que se confundem com os interesses econômicos do país.

O recado é simples: jamais confie em salvador da Pátria, em libertador do povo. Eles são como papai-noel, coelho da Páscoa. De esquerda, direita ou centro desconfie de todos. Ainda mais no Brasil onde, ainda, os ditos representantes do povo sofrido – como a deputada federal Jandira Feghali, do PCdoB do Rio de Janeiro – são eleitos com o dinheiro da direita mais corrupta que existe.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula e sua turma não inventam, apenas socializam a corrupção

Segundo Pedro Estevam Serrano, advogado, professor de Direito Constitucional da PUC-SP, pós-doutor pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, no Brasil "há uma visão absolutamente enviesada disseminada por alguns setores da sociedade, de que o PT, partido do governo, inventou a corrupção no Brasil. Não é preciso muito conhecimento histórico para saber que a corrupção é algo endêmico no Estado brasileiro, portanto querer vinculá-la a um único partido, além de hipócrita do ponto de vista político, nada contribui para eliminá-la".

O homem está certo, certíssimo. Nada como o sábio para colocar, de forma curta e grossa, as coisas no lugar. Quem afirma que o time de Lula (os comunistas incluídos) inventou a roubalheira está mal informado ou age de má fé. Antes do Lula (a coisa veio com seu Cabral) o assalto à grana pública dos impostos que falta para serviços básicos ao povo carente já corria solto e o time de Sarney, por exemplo, tem fama no setor.

O que ocorre no instante em que a dita esquerda passa a ditar rumos na Pátria é mais complexo. Eis um ponto crucial do novo tempo: quando o redentor das massas pobres e oprimidas (Lula, óbvio), malandro velho, chega ao poder a roubalheira ganha novo patamar. Passa a ser organizada, planejada, democratizada, diria socializada, pois ninguém faz mudança profunda mantendo em vigor regras velhas, carcomidas, mofadas.

Como agora ficou claro, Lula e cetera chamam as cúpulas dos partidos com voto (deixou de fora nanicos esquizofrênico por que odeiam situações or-

gásticas) e propõe pacto – prontamente aceito – de por fim ao amadorismo de como a roubalheira era feita. Assim implanta-se no Brasil um método de gestão moderno, mais profissional, para dar muito mais eficiência à gatunagem. Aquele estilo de corrupto amadorista, pé-de-chinelo, bagaceira botando a mão em centavos, foi banido. Isso era coisa da direita cabocla, subdesenvolvida, refém de tacões estrangeiros. Era vital que os ungidos dos humildes se livrassem da pecha de que só sabiam roubar galinha, era preciso mostrar competência para grandes voos no campo da gatunagem. A roubalheira tinha que ter alto padrão de produtividade como exigem estes tempos de alta performance.

Com Lula foram estabelecidos novos padrões de ladroagem, com objetivos bem específicos, com metas claras a serem atingidas com a grana alheia. Houve loteamento em empresas como Petrobrás, Correios, Eletrobrás, BNDES e assim por diante, para que roubalheira fosse sistêmica, obedecesse a planejamento mínimo e oportunizasse maiores rendimentos. Isso tudo com metas de curto, médio e longo prazo.

Dizem línguas venenosas que Lula teria perguntado: "por que só a direita pode roubar? Não somos vingativos, não queremos que só a esquerda roube a partir de agora. Buscamos o socialismo e iniciaremos usufruindo dessa montanha de dinheiro público. Companheiros de esquerda, de centro, de direita, precisam ter as mesmas chances". Então, pessoal, chega de hipocrisia, ficou claro que Lula e PT não inventam a corrupção no Brasil. P.S. – Sobre o "Minha Casa, Minha Propina" escrevo mais adiante.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Estava escrito nas estrelas: esquerda bolivariana bota Venezuela na berda

Fruta que caiu, a esquerda (neste caso a bolivariana, pois como todos sabem os matizes esquerdistas são de humilhar o arco-íris) fez rápido o que já estava escrito nas estrelas: botou a Venezuela na berda. E nem se deu ao trabalho de imitar os gatos.

A pergunta que não cala ressoa estrondosa: porque o governante de esquerda sempre deixa o povo de bunda suja? Em Cuba o Granma, jornal oficial do Comitê Central do Partido Comunista, substituiu o papel higiênico há mais de 50 anos. Agora, na Venezuela (que possui milhares de assessores cubanos) limpar a bunda é luxo, a ele só tem acesso os donos do poder, embora o papel higiênico seja hábito burguês.

A crise avassaladora só espanta o iludido de sempre. O que espanta é o silêncio da esquerda tupiniquim que sempre apoiou a esquerda bolivariana. O quarteto dó, ré mi, fá latino (Brasil, Cuba, Venezuela, Argentina) nunca se importou, mesmo, com seus cidadãos. É receita cruel: enquanto o povo amarga o resultado nefasto dos desgovernos Fidel virou milionário, Cristina Kirchner é investigada por enriquecimento ilícito, Chaves e Maduro acumulam fortunas, o time de Lula enriqueceu com a corrupção e, em nome do povo a presidente afastada esbanja milhões no cartão corporativo.

A situação venezuelana não alegra ninguém, mas, outra vez, chama a atenção para indecência que caracteriza o discurso que deveria ser libertador e que se enrola, sempre, na mesma teimosia de querer mudar a natureza humana. Sem comida nas prateleiras dos mercados, sem remédios, sem saúde e criminalidade maior do que a brasileira os bolivarianos botaram o país mais rico da América do Sul na berda.

Como sempre tocam o disco gasto: culpa dos imperialistas. Tem século que debatemos as mazelas de milhões e não conseguimos diálogo maduro, que supere esse rema rema do discurso oco repisando dogmas oportunistas. O pensamento da esquerda dogmática é aquele do engenheiro de obra pronta que insiste na receita que nunca deu e nunca dará. Os dogmas só serve para a vassalagem manter vivo o discurso utópico e a boa vida da minoria que sempre assalta o poder.

E o assustador é a academia persistir no processo de imbecilizar os jovens que, ao contrário daqueles que passaram por esse mesmo processo num passado recente, não possuem o benefício da dúvida oferecido pela ditadura de então.

O único modelo que ofereceu alguns avanços para, de um modo geral, tirar gente da miséria, é o que a esquerda bolivariana – para ficar no exemplo recente – buscou destruir: o capitalismo. A história tem sido repetitiva: a miséria (e na carona a violência) sempre aumentou em todas as experiências de governos tidos como de esquerda.

É trágico chegar, em 2017, ao marco do que deveria ter sido a redenção da humanidade – o centenário da revolução russa de 1917 – como se estivéssemos todos de ressaca por causa do porre na véspera, sem admitir as atrocidades cometidas por todo o Planeta. Esperamos que o simbolismo dos cem anos da catástrofe nos leve que se diz de esquerda repensar sua utopia para evitar que novos povos fiquem sem papel higiênico.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Que safra: bons exemplos com Sarney, Collor, FHC, Maluf, Lula, Renan, Cunha?

Os antigos diziam que "o mau exemplo pega como sarampo em berçário". E os letrados completavam: "o mau exemplo é um veneno para o espírito." E sentenciavam: "um bom exemplo é a melhor escola". Já escrevi sobre isso e voltei a indagar: alguém está fornecendo bons exemplos aos jovens de hoje aqui no Brasil? Quem pode nos dar bons exemplos? Qual setor tem o poder de servir de exemplo?

Desde logo lembrei que a maioria das nossas estatísticas pouco nos orgulha. Não é saudável verificar que no ranking mundial da corrupção o Brasil está em 72º lugar. E é o 11º mais inseguro do mundo – Colômbia, com FARC e outras guerrilhas, oferece mais segurança aos seus cidadãos. Em 50 anos as guerrilhas colombianas mataram cerca 50 mil pessoas, no Brasil nos últimos 30 anos contabilizamos mais de um milhão de cidadãos assassinados. As mortes no trânsito assassino não ficam muito longe disso.

A lista das estatísticas cruéis é longa e não cabe aqui. E não servem para serem citadas como algum tipo de bom exemplo. Quem duvida passe os olhos nos nossos números de roubos, latrocínios, assaltos, estupros, pedofilia. Assim como não serve para dar algum tipo de bom exemplo qualquer um dos partidos políticos que participaram dos governos nacionais depois da redemocratização. E é democrática essa falta de bons exemplos: vai da esquerda, passa pelo centro, acaba na direita. E é tão preocupante que tem professor premiando aluno que consegue citar algo ou alguém que sirva de bom exemplo.

Mais triste do que tudo, não encontramos entre as nossas grandes e vivas lideranças nacionais pós-redemocratização alguma que possa nos dar um fiapo de orgulho ou fazer valer a antiga sentença: se as palavras convencem, os exemplos arrastam. Oh, cara pálida, onde estão os bons exemplos? Inexistem, pois em maior ou menor grau estão todas elas sob suspeita, envolvidas, citadas, processadas ou em cana por corrupção. Neste quesito realmente a vaca está no brejo atolada até as guampas.

E adianta alguma coisa citar à exaustão, como fazemos, as estropelias de Sarney, Collor, FHC, Lula, Maluf, Renan, Cunha para o povo aqui na planície não seguir maus exemplos? Adianta? Collor foi cassado e hoje é senador da República. Isso não é pouca coisa! Procurado pela polícia internacional Maluf se elege deputado com votação de encabular o bom senso. E o Lula? O salvador da pátria mesmo atolado em denúncias de corrupção surge em primeiro na pesquisa de intenção de voto para presidente. Há quem garanta que esse é a pior safra de homens públicos brasileiros. Será?

O que esperar do futuro diante da conclusão de que "nada é mais contagioso do que um mau exemplo?"

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.

Edital de Convocação

Solicita aos associados para a eleição da nova diretoria.

O Presidente da Associação dos Aposentados, Pensionistas e Idosos de Passo Fundo e Planalto do Rio Grande do Sul no uso de suas atribuições estatutárias, conforme art. 15, Inciso 2, convoca todos os associados para comparecerem no dia 27 de julho de 2016 em sua sede, rua Teixeira Soares, 625 (antigo Quartel do Exército), em Passo Fundo – RS, em primeira chamada às 14 horas e não havendo quórum em segunda chamada às 14 horas e 30 minutos.

Para votação da nova diretoria.

Passo Fundo, 14 de julho de 2016.

Ivo Pacheco - Presidente



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula, o coxinha de escol

Escol pode ser definido como nata, "crème de la crème" quer dizer, o que está por cima da carne seca, o que há de melhor, um top de linha. Pode ser a picanha, que pescoço é da plebe ignara. Pode ser definido, ainda, como nobre, da elite, lá do topo da pirâmide, longe do cheiro de povo que não toma banho todo dia. Escol é o que pode ser considerado como o melhor ou mais relevante, dentro de um grupo, sociedade, nação. É o suprasumo, é o que se tornou exemplo a ser seguido por seus pares.

Acho que vocês estão me entendendo o que de-sejo expressar quando afirmei que Lula se tornou coxinha de escol. Um cara como ele não deixaria por menos. Quando cheguei a tal definição conclui que o sonho de todo revolucionário, do cara de esquerda, do defensor dos trabalhadores é se se tornar, um dia, coxinha. O suprasumo, então, é ser coxinha de escol. Estão entendendo? Isso é raro, é coisa para poucos, tipo Lula, Zé Dirceu, Dilma, Palocci, esse time que foi a cúpula do Partido dos Trabalhadores, cúpula dos partidos comunistas mundo a fora, cúpula de partidos tidos como de esquerda em geral que, com inaudita avidez, bota a mão na grana alheia. É tipo que fica mais faceiro do que mosca em tampa de xarope quando se lambuza na riqueza que tanto condena.

Pelo que entendi da dissertação de conhecido intelectual revolucionário, coxinha é o cara que adora morar em apartamento tríplice. Certo? Certíssimo. Quando o tríplice está na orla marítima ganha status de coxinha de escol. Vamos lá, morar em tríplice na orla marítima não é coisa de assalariado, tem que ter café no bule e na chaleira. Lula tem! Tem que ser "connoisseur" em queijos e vinhos, quesito que Lula domina!

Coxinha autêntico deve ter sítio. Sítio, longe do olho de pé-de-chinelo bundão e com o que há do bom e do melhor. Lula tem! Coxinha adora jatinho com "escort girl" pois, obviamente, ninguém é de ferro. E, claro, a gata tem que estar em compartimento privativo, né Lula? E cartão corporativo? Qual coxinha não baba por um, ainda mais que a grana tem origem no suor do povão e não precisa ressarcir nada?

E qual a reação dos míopes teóricos seguidores (dizer puxa-saco é agressivo?) do Lula (sociólogo, professor de história, antropólogo, filósofo, jornalista de esquerda, militante) depois que ele e a turma traíram o discurso e mandaram as teses da ética ao bebeléu para ingressar no doce mundo dos coxinhas? A reação da turma é esse silêncio ensurdecador que tomou conta do Brasil.

Compreensível esse escapismo típico de fanático seguidor de qualquer seita. Não é mole digerir que o ídolo se tornou aquilo que sempre odiou. Lula é poupado por se tornar a negação de tudo o que se pregou desde a redemocratização para evitar suicídio em massa dos seguidores. Os arautos da moralidade poupam Lula e sua turma, agora coxinhas, fazem de conta que não houve mudança alguma e, como em delirium tremens seguem batendo no que encontram pela frente mais chatos do que chinelo de gordo.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Anestesiados, matamos como se estivéssemos matando mosca

Em algumas circunstâncias o número fala tudo. O papo até podem atrapalhar. Em poucas palavras, antes dos números, é bom dizer que estamos anestesiados pela violência que nos cerca. Anestesia total parece ter sido aplicada principalmente em quem nos governa – Executivo e Legislativo – desde a redemocratização. Estamos nos matando como quem sai matando moscas e nossa reação é pífia. A fria estatística não toca nossa alma, nossa mente, nosso coração, nossa indignação.

O Mapa da Violência de 2012, divulgado pelo Instituto Sangari (com apoio da Unesco e Instituto Ayrton Senna), diz que em 30 anos (1980/2010) o Brasil ultrapassou a marca de um milhão de brasileiros assassinados. No período a taxa de homicídios saltou de 11,7 por cada grupo de 100 mil habitantes para 26,2 para cada grupo de cem mil.

Isso é tão estarrecedor que entre 2004 e 2007, 169,5 mil pessoas morreram nos 12 maiores conflitos armados mundiais. No Brasil, o número de mortes por homicídio nesse mesmo período foi 192,8 mil. O documento do Sangari diz que “fica difícil compreender como, em um país sem conflitos religiosos ou étnicos, de cor ou de raça, sem disputas territoriais ou de fronteiras, sem guerra civil ou enfrentamentos políticos violentos, consegue-se exterminar mais cidadãos do que na maior parte dos conflitos armados existentes no mundo.”

E a tragédia só cresce a cada ano: o Atlas da Violência, organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) diz que em 2014 foram assassinadas 59.627 pessoas, representando 29,1 mortes para cada 100 mil habitantes. Trata-se da maior taxa já registrada em solo brasileiro. Ainda em 2014, 13 mulheres foram assassinadas por dia no Brasil, totalizando 4.757 mortas no ano. Houve um crescimento de 24,2% na taxa de homicídios nessa parcela da sociedade entre 2004 e 2014,

O mesmo Atlas diz que Brasil é um dos países mais violentos do mundo, pois, um em cada 10 homicídios registrados no mundo, ocorreram em nosso País. Trata-se de percentual alarmante, num país que representa só 2,85% da população mundial.

Não bastasse o peso terrível desses números frios e aplastantes há desconforto extra: com sua chegada a democracia acelerou, a cada ano, a quantia de mortes. Com João Figueiredo, último presidente do regime militar (1979-1985), quando a taxa de homicídios era de 11,7 por cada 100 mil habitantes, a média de assassinato em seu governo ficou em 16 mil por ano. Com Sarney de um grande salto e foi para 27 mil por ano, progrediu para 31 com Collor/Itamar, saltou para 43 mil assassinatos por ano com FHC, fechou em 50 mil durante os governos de Lula e passou de 53 com Dilma.

Há um rol de motivos para tanta morte, mas segundo o Conselho Nacional do Ministério Público “impulso e motivos fúteis, drogas e pobreza estão entre as principais causas da mortandade”. Na categoria impulso e motivo fútil estão incluídos homicídios relacionados a “casos de briga, ciúme, conflito entre vizinhos, desavença, discussão, violência doméstica e desentendimentos no trânsito”.

Com a democracia o brasileiro se tornou uma eficiente máquina de matar?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Festa olímpica enxágua a alma (sim, mas nós somos muito mais)

A magnífica festa no Maracanã, que se constituiu na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, deu uma enxaguada na alma do brasileiro. Para lavar definitivamente vai demorar, mas uma enxaguada é bem melhor do que nada. Ouvi de muitos que essa lavada superficial serviu de bom alívio na trêmula autoestima, excessivamente lanhada por nós mesmos de uns tempos para cá. Quando Globo e Bandeirantes mostraram a repercussão internacional do evento houve desabafo: porra, nós podemos, somos mais do que esse esterco que nós mesmos jogamos no ventilador desde que nos lançamos na babaca guerrilha entre esquerda e direita.

Esse espetáculo que encantou o mundo teve a coreografia de Deborah Colker, a direção de Fernando Meirelles, Andrucha Waddington, Daniela Thomas e Rosa Magalhães e a produção executiva de Abel Gomes conseguiu o poder permitir uma leve limpa em nossa alma. Faço coro com todos com que falei e assim se manifestaram.

Ultimamente nem sempre ficou óbvio que estamos acima da quadrilha que emporcalhou nossa imagem, que somos maiores do que a droga em que virou a saúde pública, do que essa educação que nossa incompetência sucateou, do que o mosquito da zika que a pasmaceira fez crescer, maiores do que a violência que nos faz prisioneiro em nossas casas e mata mais do que conflitos armados. Somos mais do que essa sangueira no trânsito, do que o desemprego que esmaga milhões.

Sim, a Olimpíada nascida pela demagogia dos incautos salvadores da pátria que normalmente só conseguem a paz dos cemitérios precisa, agora, repetir o que foi feito no Maracanã na noite de cinco de julho de 2016. Independente do número de medalhas que consigamos precisa dizer ao Planeta e inclusive para nós mesmos que somos maiores, muito maiores, do que nossas mazelas, nossas tricas e futricas, nossos erros, nossas burradas, do que essa crise que nos aplasta.

Neste trágico momento de preconceito e violência que assola o mundo devemos lembrar que somos o cadinho que fundiu gente de incontáveis nacionalidades e etnias que tangida (como tropa de gado magro) pela crueza e insensatez da pobreza, da fome, das guerras superou tudo o que nem imaginávamos e fizemos Nação onde a diversidade não é discurso teórico de boas intenções.

Fica só pequeno reparo no contexto da história da imigração ao Brasil, que foi o tema da festa Olímpica e que torceu alguns narizes. Apenas para lembrar que esse é o tema mais caro entre nós e sobre ele nada de tergiversar. Sim, sem a menor dúvida, mandioca, bacalhau, acarajé, quibe e sushi são coisas nossas, definitivamente nossas, milagrosamente nossas. Como são tudo isso, com peso idêntico, nhoque, chucrute, bigos, sopa de beterraba e muitos outros. Cautela, pois quando se tata de falar de "nossa culinária nacional".

Jornalista, membro da Academia
Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Charles Darwin, o brasileiro e nosso foguetório à Lava-Jato

Em fevereiro/agosto de 1832, então com 23 anos, o naturalista britânico Charles Robert Darwin, gênio da ciência que muda o modo pensar sobre a criação do homem, vem ao Brasil. Embora exista choro e ranger de dentes sua Teoria da Evolução é ainda a melhor explicação para o surgimento das espécies. Mas isso é outro papo, pois ao ler seus escritos temos a impressão de que nós aqui não evoluímos, marcamos passo.

O que de fato interessa agora é a opinião de mister Darwin sobre os brasileiros. Vamos lá, não vamos enfocar sua opinião sobre o Brasil e sua exuberante natureza. Isso pode até deprimir se ocorrer de recordar piada sobre o País na criação do mundo.

Apesar do genial Machado de Assis dizer que "esquecer é necessidade. A vida é lousa em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito" o passado, não raro, volta e assombra. Até porque Confúcio, o filósofo chinês, disse: "Se queres prever o futuro, estuda o passado". Já o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, realça: "A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente". Outro gênio, Albert Einstein, mete a colher: "A distinção entre passado, presente e futuro é apenas ilusão teimosamente persistente".

O nosso Mário Quintana também bota a colher com a autoridade de grande poeta e traz um fantasma capaz de nos assombrar com maior magnitude: "O passado não reconhece o seu lugar: Está sempre presente". Vade retro satanás!

A questão em pauta é a seguinte: nestes tempos em que a corrupção esmaga a esperança, em que parece que todos estão sacaneando, nestes tempos em que homens que diziam implantar a ética – como Lula e sua turma – nada mais fizeram do que implantar o mar de lama, é interessante olhar o que já disseram sobre nós nesse quesito.

E poucos serão tão duros quanto mister Darwin o foi há mais de século. Dureza irritante, que mexe com nossos brios, mas que é aconselhável prestar atenção. Tão duro que ocupar espaço no livro "Brasileiro é otário? – O alto custo da nossa malandragem" de Rodrigo Constantino, que aborda o descalabro produzido pelo tal de "jeitinho".

Entre as coisas que chocaram o cientista em passagem pela terra de Cabral está o trato dado ao negro num país escravocrata, mas não é disso que falaremos agora. Em texto que vem sendo republicado à exaustão mister Darwin escreveu em 3 de julho de 1832: "Os brasileiros, até onde vai minha capacidade de julgamento, possuem somente uma pequena quantia daquelas qualidades que dão dignidade à humanidade. Ignorantes, covardes e indolentes ao extremo; hospitaleiros e bem-humorados enquanto isso não lhes causar problemas". Caracas, mister Darwin, é ferro na boneca mesmo.

E foi mais fundo: "Não importa o tamanho das acusações que possam existir contra um homem de posses, é seguro que em pouco tempo ele estará livre. Todos aqui podem ser subornados". Essa de prender só ladrão de galinha é antiga, hein?

Embora possamos questionar a moral de nossos detratores, a real é que bibliotecas da Europa – segundo o jornalista Diego Mainardi – estão cheias de livros onde "o tratamento dado aos negros, a falta de higiene e a corrupção são os três pontos que mais causavam indignação aos europeus" que nos visitavam no passado. Pode?

Para finalizar: viva a Lava-Jato. Não se economiza no foguetório para saudá-la, pois ela pode ser nosso novo começo...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A mulher em busca do voto

Atualmente, no Brasil, há mais mulheres do que homens. Exatamente às 22 horas de sábado, 20 de Agosto de 2016, o relógio da população brasileira mostrava que eram 106.713.988 mulheres contra 103.334.358 homens. Além disso, partir da década de 1970 – quando as visualizávamos, basicamente, como donas de casa e professoras – o País sentiu presença feminina se tornar bastante forte em diferentes setores da vida nacional. Em 40 anos o panorama sobre a participação delas no contexto social, no mundo do trabalho, no campo das profissões deu uma guinada extraordinária.

Entretanto, no universo da política, na ocupação de cargos eletivos – municipal, estadual e federal – a presença da mulher continua sendo pequena, quase irrisória. No Congresso Nacional, por exemplo, menos de 10% dos parlamentares são mulheres. Em Passo Fundo o percentual ainda é menor, pois há apenas uma vereadora numa Câmara Municipal que possui 21 lugares. Eis algo que tem incontáveis ponderações a serem feitas sem que se alcance efetiva clareza para explicar os motivos desse fato.

A ministra Luciana Lóssio, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ainda em abril, afirmou que as mulheres ainda são sub-representação na política “Eu costumo dizer que contra fatos não há argumentos e o fato é que o Brasil sobre de sub-representação muito grande. Precisamos fazer algo, precisamos tomar algumas medidas e estamos fazendo”.

Citou que em um ranking mundial da democracia com 188 países o Brasil ocupa a 154ª no que se relaciona à participação feminina na política. Segundo ela, levando em conta que o Brasil é a sétima economia mundial não “faz sentido essa colocação”.

Foi nesse contexto que entre abril e julho deste ano o TSE veiculou, no rádio e na TV, a campanha intitulada Igualdade da Política com o objetivo de estimular maior participação feminina no processo eleitoral.

A pergunta que faço: que influência podemos esperar dessa campanha do TSE no voto dos brasileiros nas eleições municipais? As mulheres vão ampliar a presença na vida política de seus municípios? Estou curioso sobre isso aqui na minha terra.

Em Passo Fundo alguns partidos levaram isso a sério. Cresceu exponencialmente o número de mulheres candidatas com capacidade para exercer o posto de vereadora com competência. Mulheres com ação comunitária intensa, com formação universitária, com serviços prestados à cidade e a seus bairros, mulheres inteligentes, com posturas claras, firmes, mulheres que sabem o que fazer concorrem à vereança em várias siglas.

Quem acompanha a vida política passo-fundense confirma que houve uma evolução nesse sentido, ou seja, as mulheres não concorrem apenas para cumprir alguns aspectos legais para que os partidos preencham sua nominata. Nada disso, são políticas competentes com vontade de servir. Com o que, vamos ver como o eleitorado vai votar em 2016 depois dessa grande e oportuna campanha do TSE.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sabujos de Lula partem para desqualificação

Desde que a máscara de bom menino do Lula caiu constata-se, grosso modo, três posturas entre seus seguidores. Na medida em que a podridão, inclusive denunciada desde dentro do partido, foi tornando o maior escândalo de corrupção da Nação – cujo ensaio geral foi o mensalão – o desconforto cresceu e não poucos fazem diferente.

Alguns estão deixando a sigla, migram para outros partidos onde, acreditam poder levar adiante o projeto original de fazer da política a missão de servir a sociedade. É gente que ainda vai continuar lutando por um mundo melhor e busca outros grupos mais éticos. Podemos dizer que aqui em Passo Fundo isso ocorreu com os vereadores Claudia Furlanetto e Gleison Palhaço Uhu.

Um segundo grupo acredita que nem tudo está perdido e aposta na reconstrução partidária, crê ser possível isso, pois ainda tem fé de que as bases do movimento serão reencontradas. Aham que é preciso aprender com os erros. Nesse grupo podemos citar o ex-governador Olívio Dutra que tem se manifestado nessa linha e aqui em Passo Fundo o vereador Rui Lorenzato.

É possível até discordar de quem se insere nesses dois grupos, mas é indispensável respeitá-los, pois fazem política com convicção, lutam em busca daquilo em que acreditam ser o melhor com idealismo.

O terceiro grupo é o dos sabujos. É fácil de identificar, diante da crítica factual o sabujo não argumenta, ele desqualifica o interlocutor. A regra do sabujo é desqualificar o crítico achando que tapa o sol com peneira. Ele não tem ideal, se aproximou da sigla em busca de gostosa e teta e teme se tornar bezerro desmamado. Se você diz que o Lula é corrupto ele diz que Cunha, que Aécio, que Maluf também são e diz que o crítico é um coxinha, é um fascista, é um reacionário. Ele não defende o Lula com argumentos fortes cita que outros são iguais ao Lula (pior seria possível?). Até em Passo Fundo não é difícil de identificar o sabujo. O sabujo é aquele que defende inclusive quem roubou no Minha Casa, Minha Vida, que sacaneou quem precisou de empréstimo consignado e às vezes até ocupa cargos diretivos.

Também é fácil de identificar sabujo porque ele é servil, passa o dia em busca de adjetivos para grudar em quem ousa fazer afirmações desairosas ao Lula, omitindo que sobre ele pesam acusações que partem das mais altas autoridades no campo da justiça.

Se você disser ao sabujo, por exemplo, que é impossível o Lula não saber o que faziam os três tesoureiros do partido que estão presos em termos de corrupção, caixa dois e negociatas com os maiores empreiteiros, você não passa de coxinha, de fascista, direitista, burguês.

Esse é o contexto. E tal contexto até traz vantagens, pois fica fácil identificar quem faz política por idealismo e quem são os oportunistas de plantão...

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sobre a Constituição

Creio que foi no Ginásio Estadual Três Mártires, na centenária Palmeira das Missões, que ouvi pela primeira vez a expressão Constituição Federal. Foi ali na Vila Velha, cheia de lendas e causos sobre degoladores que teriam pintado de vermelho os campos de barba de bode da região que tomei ciência da existência de algo tão vital para a existência de uma democracia.

Havia certa solenidade naquela sala – se a memória estivesse em condições mais adequadas lembraria um dia chuvoso ou sol de rachar, mas o professor parecia possuído de alto transcendental quanto tratou do tema. Obviamente que o silêncio na sala era sepulcral, também porque a figura do professor, nos idos de 1950, beirava o sagrado.

Não foi aula qualquer, deia passar aos que “seriam o futuro do país” com pompa e circunstância que estávamos diante de algo extremamente relevante para cada um e ao Brasil. Acho que ele fez de propósito dar tom solene ao tema, imaginou que na medida crescêssemos iríamos dando importância cada vez maior para a nossa Constituição. Até porque fez questão de citar que muito sangue havia escorrido até chegar aos dias de hoje onde as constituições governam países civilizados.

O professor, ao falar dela, usou, também, outras expressões ainda em uso: Carta Magna, Lei Maior, a lei mais importante de qualquer país democrático. Sim, ele revelou que não foi fácil, ao longo da história da humanidade, botar na cabeça dos poderosos, dos demagogos, dos tiranos, que não há ambiente civilizado para a convivência entre as pessoas sem uma Carta Magna que seja respeitada e acatada por todos os cidadãos. Se não estou enganado deu ênfase especial a esse aspecto: respeitada e acatada POR TODOS OS CIDADÃOS independente de cor, religião, ideologia, poder de grana...

Isso tudo me veio à mente de forma avassaladora ao ver que um ministro do Supremo Tribunal Federal, o senhor Enrique Ricardo Lewandowski – algo parecido com deus aqui na terra quando se trata das leis – ajudou a fazer com que o Congresso Nacional desse pouca importância à Constituição durante o impeachment da Presidente.

Surpreendentemente o ministro avalizou a manobra do famigerado senador Renan Calheiros para burlar o parágrafo único do artigo 52 daquela que deveria ser nossa Magna Carta: “Nos casos previstos nos incisos I e II, funcionará como Presidente o do Supremo Tribunal Federal, limitando-se a condenação, que somente será proferida por dois terços dos votos do Senado Federal, à perda do cargo, com inabilitação, por oito anos, para o exercício de função pública, sem prejuízo das demais sanções judiciais cabíveis”.

A estas alturas é de se perguntar: por que o ministro agiu desse modo?

O que diriam desses dois meus professor? Quando os grandões fazem esse tipo de manobra o que se pode esperar de quem mora na planície?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Venezuela, Cunha, Veja, Jovens & o nosso voto

Um – Devo escrever antes da decisão da Câmara Federal, mas como não parece existir três caminhos – a ética ou a imundície – opino. Não há mais como tergiversar, cassar e mandar para casa o Deputado Eduardo Cunha é imperativo categórico (sei que diria isso – eu digo – meu professor de introdução à filosofia ao nos apresentar Immanuel Kant). O parlamentar que não votar pelo afastamento de Cunha estará debochando da nossa cara, eis o que ninguém mais pode negar.

Dois – A Venezuela transformou-se numa obra-prima da esquerda, desta vez da esquerda conhecida como bolivariana, inventada por Chavez, populista senil seguido por Maduro mentecapto. Como seus “irmãos de utopia” fizeram na Rússia, Alemanha Oriental, Camboja, China, Albânia e alhures os bolivarianos conseguiram realmente fazer da Venezuela um País igualitário, ou seja, todos estão passando fome, ninguém tem medicamentos, a liberdade sumiu e o futuro foi pelo ralo. O que se estranha é esse silêncio ensurdecedor dos bolivarianos tupiniquins deixando Maduro às traças.

Três – A revista Veja (lídima representante da mídia burguesa e golpista) – vive dias de glória, desta vez com total apoio da esquerda que odeia liberdade de expressão, mas a estampou em suas páginas na internet. A edição 2495 que circulou no final tem como chamada de capa “O governo quer abafar a Lava-Jato” e foto de Fábio Medina Osório – “o advogado-geral da União que foi demitido porque queria punir aliados do Planalto envolvidos em corrupção na Petrobrás”, faz sucesso ímpar. Finalmente a esquerda se rende ao tipo de jornalismo da Veja, que na área não poupou Collor, Lula, Dilma, Cunha, Renan... Há quem diga que utilizar Veja, agora, para desancar o governo, a esquerda avalizaria as edições anteriores... Pode ser, mas há que desancar sempre!

Quatro – A facilidade com que o jovem se transforma em “Maria vai com as outras” é natural? Pode ser, mas também espantoso. Foi assim com minha geração dos anos de 60. Para cutucar os de hoje costumo dizer que tínhamos o benefício da dúvida, ou seja, estávamos numa ditadura e o processo de informação muito controlado – além da censura, jornais e rádios eram poucos, TV incipiente, não havia internet e Dr. Google não havia nascido. Ser babaca nessas condições é uma coisa, mas nos dias de hoje? É preguiça mental? É coisa típica de jovem? Caracas, por que não duvidar sempre? Para que serve, afinal, essa avalanche de informações à disposição do jovem de hoje?

Cinco – Para mudar no mundo da política o primeiro passo acontece agora. O candidato que hoje coloca seu santinho em nossa caixa postal, fala na TV e rádio, pode estar na Assembleia em Porto Alegre ou em Brasília em alguns anos. Esse é o fato. Tem muita gente decente, em todos os partidos, concorrendo em Passo Fundo, assim, escolha bem agora para não se lamentar no futuro. Agora é mais fácil distinguir o malandro oportunista do cara sério, com o que, não vamos desperdiçar nosso voto.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula & o Sargento Garcia

A impressão, agora, é a de que tiraram o Sargento Garcia (retornará à sua missão e se dedicar exclusivamente à captura do Zorro) da cola do Lula e por isso, finalmente, parece que o bicho vai pegar.

Desde julho de 2005, quando o mensalão havia transformado o País num desses caldeirões de bruxas prestes a explodir estamos brincando de cabra cega: o Lula sabe tudo, o Lula não sabe nada, o Lula sabe tudo, o Lula não sabe nada.

Acontece que não é uma escolha fácil para o Lula: se provar que nunca soube de nada, que todos roubaram ao se redor sem ter qualquer conhecimento disso, não passa de um paspalhão, de um babaca. Caso assuma que realmente sabia e permitia, supera Al Capone no mundo do crime.

Desde o pavoroso escândalo do mensalão (apenas a ponta desse iceberg conhecido como petrolão) o Lula dorme mal por causa de um dilema, ou seja, a necessidade de escolher entre duas saídas contraditórias e igualmente insatisfatórias.

Sobre o esquema de corrupção chamado mensalão o então secretário do Partido dos Trabalhadores, Silvio Pereira, disse, em maio de 2005: "agimos em nome do PT". O deputado Fernando Gabeira disse, ao deixar o partido: Lula sabia. Na mesma época Heloisa Helena garantiu o mesmo: Lula sabia tudo o que ocorria.

Além disso, o que botaram de panos quentes não está no gabi. Ainda em 2005 o ex-presidente FHC pediu calma a seus liderados na condução da crise do tamanho de um tsunami que se tornara o mensalão. Cientistas políticos aconselharam uma espécie de "melhor deixar assim" pelo tamanho do estrago que o escândalo faria ao gerar "crise institucional" com um partido tão poderoso e um presidente de tanto prestígio.

O Lula não é o Collor, alertavam. Collor de Mello foi boçal sem partido que se achou o gás da Coca-Cola, Lula da Silva é ícone poderoso da esquerda e tem, para apoiá-lo, o PT, partido fortíssimo, parte da Igreja Católica, sindicatos, movimentos sociais, intelectuais, universidades, artistas até gente no Poder Judiciário. Por medo até o FHC, que tinha rabo preso no caso da reeleição, blindaram Lula. E botaram o sargento Garcia a investiga-lo. A blindagem caiu e agora vão deixar de fazer furo na água...

Pior do que tudo somado: nenhum partido de grande, com poder de falar grosso, agiu para o processo ir ao comandante máximo da ladroagem. Alguns ainda aparecem nas fotografias para fazer média com o povo como vestais, mas foram coniventes e também se beneficiaram dos dois escândalos. E isso vai da direita à esquerda.

Foi nessa época de passar mel na chupeta do povão que bolaram o esquema que agora está sendo desmontado, ou seja, colocaram o Sargento Garcia para investigar e prender o chefe do mensalão e o general do petrolão.

Se alguém ainda tem alguma dúvida sobre o papel do Lula nesse torpe processo que sepulta o esforço de uma geração em busca de um novo Brasil leia e medite sobre a declaração dada em meio às lágrimas de crocodilo quando o Ministério Público Federal incendiou a caatinga: "Eu de vez em quando falo que as pessoas achincalham muito a política, mas a posição mais honesta é a do político, sabe por quê? Por que todo ano, por mais ladrão que ele seja, ele tem que ir pra rua encarar o povo e pedir voto. O concursado não. Se forma na universidade, faz um concurso e tá com um emprego garantido para o resto da vida."



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Mulher: a complexidade e a dor do processo de mudança

Quando Cláudia Rocha Crusius, José Ernani de Almeida, Josiane Petry Faria, Mariane Loch Sbeghen, Marina de Campos e eu mergulhamos na história e na realidade para elaborar o livro "Ê pensando nos homens que eu perdoo aos tigres as garras que dilaceram" que trata da violência contra a mulher, constatei, duramente, a complexidade que envolve essa antiquíssima e ao mesmo tempo atualíssima e trágica questão.

Num mundo em permanente movimento raramente encontraremos um ponto de curva para a mudança que não produza intensa dor antes de trazer e consolidar o novo. Tem sido assim e, infelizmente, continuará por muito tempo: a dialética corrói, como ácido sulfúrico, nossas entranhas antes de produzir a nova síntese.

Como produto de construção histórica – por isso possível de desconstrução, como diz a psicóloga paulista Tania Pinafi – a violência de gênero pressupõe, para ser extirpada do convívio social, nova postura de todos, inclusive dos homens.

Volto ao tema pela informação veiculada na semana que passou de que 30% dos brasileiros (as brasileiras incluídas) afirmam que a mulher tem culpa quando estuprada, algo persistente em muitos locais independente de posição econômica, social, etnia, ideologia. Ao ler isso inclusive lembrei a China entre 1500/1700 onde "havia, quase sempre, o consenso de que o suicídio era a melhor solução para a mulher estuprada que perdera a virtude." Em tal caso, o governo pagava as despesas do funeral e providenciava uma placa atestando que a mulher preferira a morte à desonra.

Mas o estupro, que é a forma mais aguda e brutal dessa violência é só a parte visível desse drama que ainda se desdobra, no dia a dia, em rotinas também penosas, doloridas, desgastantes, aflitivas que demoram a ser captadas e vão sugando a seiva do vigor da vida das mulheres. Nas horas do dia, nos dias da semana, nos meses do ano, onde a vida segue seu tranco ocorrem combates desestabilizadores entre o novo que quer e precisa chegar e o velho que teima em não ir embora. E o preço, às vezes é alto.

Nessa dinâmica de movimento ininterrupto da história mulher que deve ou deseja encarar o novo (que às vezes chega avassalador) logo sente que o status quo vai se tornando insuportável e acaba sofrendo. É sofrimento de quem está em transição entre esse novo incerto que teima em chegar e esse velho desconfortável que não quer ir embora.

E tudo tem custo emocional, pois sempre leva a conflitos e até à separação de casais com todas as decorrências doloridas conhecidas. Profissionais de diferentes áreas que atendem mulheres – especialmente médicos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais confirmam dramas terríveis. Eis outra dimensão da questão: quando só uma parte muda deve-se aguardar a acomodação do terremoto para reencontrar novo ponto equilíbrio. Para quem tiver garra – e isso em regra nunca falta às mulheres – encontra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, porto seguro adiante.

Assim, se a brutalidade é o fator visível das distorções, desse mundo de caos, o bate-estaca diuturno também configura sofrimento a mulher (e os seus!) se posta diante das forças da mudança.

Era e continua sendo difícil...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Desafio, ausência das mulheres, derrota incrível & uma nova era (?)

UM - Encerrada apuração que a apontou os estrondosos 85.505 votos para a Coligação Juntos por Passo Fundo um cidadão saltou essa a seguinte observação: "nossa, como é grande o desafio do Luciano e do João Pedro a partir de 2017." Eis algo que resume tudo. Somente alguns poucos otimistas vislumbraram que algo assim poderia ocorrer em decorrência de dois fatores: de longe uma administração eficiente que alcançou todas as regiões do município e uma sucessão de erros dos adversários que erraram feio a mão nos discursos de campanha. Como a eleição de 1992 passou para a história porque a diferença do primeiro colocado foi de apenas 65, esta de 2016 terá registros perpétuos porque o vencedor fez mais do que o dobro dos quatro outros concorrentes. Não é coisa pouca, daí o cidadão ter razão: que desafio para o eleito.

DOIS – Por mais quatro anos o Legislativo de Passo Fundo não terá mulheres entre os vereadores. Isto que 88 mulheres concorreram. E os partidos capricharam na nominata feminina. O PDMB trabalhou com carinho para indicar 13 nomes, o mesmo ocorreu com o PCdoB que lançou 10, o PSB que concorreu com 8 e o PV com sete. Ao todo 21 partidos apostaram na força feminina e ninguém chegou. E entre as candidatas, de todos os partidos, estavam mulheres de fibras, inteligentes, lutadoras, com relevantes trabalhos já prestados para Passo Fundo em diversas áreas. Para mim este fato, não eleger uma vereadora - é mais surpreendente até que a estrondosa votação de Luciano.

TRÊS – A desandada geral do PT é outro fato incrível. Estava escrito nas estrelas que esse partido desandaria, mas não nessa vexatória proporção. No Brasil a coisa foi aplastante, vai sair de 620 prefeituras municipais em 2016 para 256 prefeituras em 2107 e quase todas de pequenos municípios. Até no Nordeste, onde Lula botou a cara ainda se achando capaz de salvar o partido o PT se esbugalha: cai de 183 para 114 prefeitos. Em Passo o estrondo também foi grande. O Partido dos Trabalhadores fez, em 2012, com Rene Ceconello, 34.732 votos e agora, com Rui Lorenzato ficou com poucos 5.5440 votos, ou seja, nem o tradicional eleitorado do Partido dos Trabalhadores votou no Partido dos Trabalhadores nestas eleições. Tudo fica mais incrível ainda pelo fato do PT não eleger um vereador sequer. Há que diga que o discurso do Rui tentando passar para o prefeito a responsabilidade do desemprego chegou a irritar parte do eleitorado.

QUATRO – Quem olhar 2020 – podem ter certeza, partido organizado vai entrar em 2017 já pensando nisso – vai enxergar somente gente nova concorrendo a prefeito. A eleição de 2016 encerrou um ciclo e agora começa tudo de novo, como ocorreu lá em meados dos anos de 1980. Por força da Legislação Luciano estará fora da briga e, caso concorra nas eleições proporcionais de 2018, João Pedro assume e também fica de fora por força da lei. Assim, credenciados, até o momento, para 2020, estão o deputado Juliano Roso, do PCdoB, o advogado Alcindo Roque do PR, já o vice (do Osvaldo) com o maior protagonismo na história das eleições locais, o advogado Giovani Corralo, pelo PMDB e Rafael Bortoluzzi, do PP. E o Rui, alguns perguntarão? Não arrisco palpar, mas é bom levar em conta que uma derrota numa eleição significa, comumente, uma grande vitória logo adiante. Os chamados partidos nanicos jamais deixarão de ser só coadjuvantes enquanto teimarem em não unir suas forças e sempre farão menos votos de que candidatos a vereador. Na política local a nova era começou



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Greve e seus efeitos colaterais

Sem dúvida o recurso da greve foi avanço civilizatório. Foi com muita luta, em todas as partes do mundo, que tal direito acabou sendo incorporado ao aparato legal dos países democráticos e capitalistas. Falamos em países capitalistas e democráticos porque greve é idiossincrasia nos países comunistas e ditaduras (em alguns casos isso é redundância), nelas não tem essa conversa de direito dos trabalhadores porque, do ponto de vista teórico, o trabalhador é o patrão e patrão não faz greve. Assim, não tem esse papo de greve na China, Coreia do Norte, Cuba, Birmânia e outras republiquetas cheias dessas pessoas que a eles são devotos como as pessoas que participam de uma procissão de santo padroeiro.

Os estudiosos registram que esse tipo de manifestação coletiva foi considerado crime no direito romano. Na França não foi diferente e previa multa e prisão para os teimosos, a Inglaterra definia a greve como um atentado à coroa (pecado dos pecados), e segundo consta, a Itália teria sido o primeiro país do mundo a legalizar esse direito. No Brasil, de idas e vindas, a Constituição de 1988 consagrou o direito de greve.

É preciso reconhecer que os movimentos grevistas tiveram, ao longo da história, papel importante no processo de desenvolvimento econômico e social da humanidade, inclusive como fator relevante para consolidar o regime democrático.

Nesse contexto, é de se perguntar: o que ocorre hoje que leva a população, cada vez mais, a reclamar desse direito sagrado de fazer greve? Quem, afinal, esse poderoso instrumento, indispensável em qualquer sociedade democrática e capitalista, beneficia e quem mais sofre as consequências da paralisação.

Num dos casos mais emblemáticos, ou seja, a paralisação em busca de melhoria salarial dos motoristas do setor do transporte público são os demais trabalhadores e a população mais humilde quem mais sofrem por falta de transporte.

Quando o funcionalismo do SUS/INSS faz greve são as pessoas necessitadas, aquelas que não têm para quem apelar em seus momentos cruciais as que padecem mais. Os bancários entram em greve, como ocorreu agora, é a população de menor poder aquisitivo é quem realmente acaba bancando o ônus de tudo.

O professor paralisa em busca de melhores condições de trabalho e salário (aspirações justas) quem mais sofre são alunos, pais, a própria sociedade, pois o ensino se transformou um dos mais deficientes do mundo, já comprometendo o futuro mais próximo do Estado e do País.

O servidor dos Correios (empresa estatal falida embora não tenha concorrente a incomodá-la) faz greve e a população fica sem receber sua indefectível correspondência, especialmente contas, e lá vão valiosos trocados por conta dos atrasos. Os funcionários da Justiça paralisam e a população, que já sofre com a demora da dona Justa, apresenta-se para pagar a conta.

Mas afinal, que instrumento de tortura para a parcela população mais sofrida acabou se transformando esse tão vital instrumento das democracias? Claro que não vamos refletir sobre isso, como sempre vamos abrir nossa gaveta de rótulos e vamos utilizá-los de acordo com nossas convicções religiosas...

Jornalista e membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Órfãos de Lula e os coxinhas

Antônio Carlos Magalhães (o ACM) ex-senador, e ex-governador baiano, chefe poderoso do PFL (agora DEM) foi símbolo do mal e dos coxinhas a ser derrotado pela esquerda. O time de Lula se prontifica a acabar com ele e o PT governa a Bahia 2 vezes.

Agora o ACM Neto reeleito prefeito em primeiro turno com a maior votação da história de Salvador dá lição. Na mãe de todas as ironias diz: "O PT escolheu o caminho equivocado do loteamento dos cargos, permitiu que áreas essenciais entrassem nesse tabuleiro da barganha. Não havia limites para o projeto de poder do PT". Quantos se mexem nos túmulos com declaração dessas? A direita está comendo a esquerda?

Um bumerangue de Marshall Berman: "tudo que é sólido desmancha no ar" (?)

Outra ironia de ACM Neto: "o êxito da minha gestão começa por ajuste fiscal duro, pela melhoria do gasto público." Ajuste que a Dilma queria e o time do Lula não.

Seguimos: "a novidade em nossa posição atual relativamente à fi-

losofia é uma convicção estranha a qualquer outra época: que nós não temos a verdade. No passado os homens tinham a verdade: mesmo os céticos. Estamos fazendo uma experiência com a verdade" – Friedrich Nietzsche, citado por Bornheim em "Dialética – Teoria e Praxis".

Ele segue: "Realmente, a dialética apresenta-se hoje munida de peso irracional considerável, e esconde amiúde um caráter numinoso só comparável ao pseudoconceito de Ciência da segunda geração positivista; e o que é pior ainda: é uma palavra que funciona frequentemente no sentido de pacificar a consciência de quem a emprega, tornando-se antidialética, elemento aliciador de dogmatismos e totalitarismos". Tóing!

Mais: "Para mim, o intelectual que se submete à "razão de Estado" – ou do partido – deixa de se intelectual para se transformar em ideólogo, ou marqueteiro de luxo" diz Juliêi Brenda no pleno calor da luta antifascista. Em A Traição dos Clérigos (preferia "clérigo" ao invés de "intelectual") diz que a traição surge quando passam a dizer: "não somos de modo algum, servidores do espiritual; somos servidores do temporal, de um partido político, de uma nação. Só que, em vez de servi-la com a espada, a servimos por meio da escrita. Somos a milícia espiritual do temporal."

Retornando: quem, após a redemocratização, palmilhou estradas e ruas, entrou em salas de aulas, sindicatos, salões paroquiais para debates, improvisou palanques em busca do voto sabe quem semeou esse ódio visceral que hoje nos abarca, impede reflexão profunda e torna políticos como ACM Neto a nova esperança do povo.

Realizado por concorrer após dura luta contra a ditadura lembro bem do jovem que crescera à sombra da Arena e se abriga na nova sigla emblemática – Partido dos Trabalhadores – vociferar que eu não passava de

reacionário. Isso vira mantra repetido à exaustão contra quem pensasse diferente dele e dos seus.

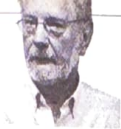
Fico no agora: após 14 anos no poder com apoio religioso do povo, sindicatos, parte da Igreja Católica (esqueceram Provérbios, 19: quem age com arrogância está à procura da sua própria destruição), movimentos sociais, universidades, com apoio das esquerdas, até apoio de megaempresários, tendo ao lado oposição frouxa, dócil o time de Lula naufraga com os tiros que foi dando nos próprios pés.

Sob o time de Lula estamos na falência (14 milhões sem trabalho), homicídios cheirando guerra civil (56 mil por ano), corrupção inédita, roubos, latrocínios em alta. Nesse desgoverno ensino e saúde são sucateados, infraestrutura é caótica, consumo de drogas explode, contrabando e índice de violência sem precedentes. Quem responde?

Final, quem é responsável por isso? Para os órfãos de Lula tudo é obra e graça do coxinha (por ironia ganha eleições de lavagem). Pessoas letradas nos tratam como imbecis para justificar o injustificável e fugir de suas responsabilidades. Um mínimo de objetividade mostra que ninguém fez mais estrago ao time de Lula do que o próprio time de Lula. E o coxinha é o culpado? Dói admitir que a utopia gerou, outra vez, o caos (é lei universal!), mas a melhor opção para consertar é admitir os erros. Dói no início, mas depois vai clareando os horizontes e dá novo ânimo em busca de nova utopia.

E daí pode-se, também, evitar esse ridículo de que o povo não sabe mais votar!

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Liberdade de expressão e a democracia em país comunista

Liberdade de expressão é o direito de qualquer indivíduo manifestar, livremente, opiniões, ideias e pensamentos pessoais sem medo de retaliação ou censura por parte do governo ou outros membros da sociedade. É um conceito fundamental nas democracias modernas nas quais a censura não tem respaldo moral.

Por sua vez, liberdade de imprensa é a capacidade de um indivíduo de publicar e dispor de acesso a informação (usualmente na forma de notícia), através de meios de comunicação em massa, sem interferência do estado.

Sempre que vejo comunista de escol, estudado, atilado, defendendo liberdade de expressão, brigando a unhadas por imprensa livre, fico com milhões de dúvidas. O que se passa na cabeça desse cidadão? Tal pergunta muita gente faz e faço eu...

Por quê a indagação? É simples. Na URSS de Lenin/Stalin, no Camboja de Pol Pot, na Democrática Alemã que fez muro para evitar fuga do povo para o inferno, na Socialista Albânia de Hoxha, na Popular Tchecoslováquia de Svoboda, na Socialista Romênia de Ceau escu, enfim, nas repúblicas populares (as africanas inclusas) – nunca houve liberdade de imprensa e de expressão aos seus cidadãos.

Afinal, que fenômeno extraterrestre abduz comunistas que ficam surdos de tanto gritar por liberdade nas democracias e quando chegam ao poder a primeira coisa que fazem é justamente liquidar as liberdades de imprensa e de expressão e impor ditaduras? Claro, aí só vale o jornal do Partido, só é permitida a TV do Partido, só fala a rádio do Partido Comunista. Nem Freud explica essa malandragem (ou seria safadeza).

Alguém pode dizer: “cara-pálida, isso foi no passado”. Engano, hoje é a lesma lerda. Como é da essência na religião fundamentalista perseguir o “infel” é da essência do comunista seguir os dogmas do PC. E dogma é verdade de fé, paredão ao infel. Tal ditadura interna (coisa fofa) é centralismo democrático. Assim, impossível governo, regime, sistema comunista com liberdade. Há total incompatibilidade entre ambos.

Como dizia: a barbárie comunista de extirpar liberdades onde governa ficou no passado? Não! Vigora a ferro e fogo em pleno Terceiro Milênio (após genocídios de cem milhões de pessoas), é excrecência defendida por comunistas de hoje que falam (tergiversam?), também no Brasil, em liberdade de imprensa e de expressão.

Hoje só o Partido Comunista fala na República Socialista do Vietnã (do norte). Na China só o PC Chinês fala desde 1949. É assim na Popular e Democrática Coreia, monarquia absolutista comandada pelo PT (fusão do PC e Novo Partido Democrático) governada pela família de Kim Il-sung desde 1955. Relatório do Comitê para a Proteção dos Jornalistas levado à ONU diz que essa Coréia é a que mais restringe a liberdade de imprensa no mundo. No Brasil os adoradores do Governo coreano estão entre os mais “ativos” defensores da liberdade de expressão. É ou não é de entortar pau torto.

Continuemos: é assim em Cuba, fazendola dirigida pela família Castro e o PC desde 1959. O Laos (do Partido Popular Revolucionário PPLR desde 1975) é outro país socialista defendendo o comunismo sem liberdade de expressão.

Mais, nos governos comunistas de hoje não há eleições livres! A história mostra: comunistas do mundo inteiro adoram liberdade de imprensa, liberdade de expressão e eleições diretas quando atuam livremente em países democráticos, mas quando chegam ao poder, justo o que fazem desde logo, é sepultar tudo isso. Por isso talvez o comunista é seletivo em matéria de ditaduras. Abomina as tiranias que denomina de direita e adora as tiranias que batiza de esquerda e implanta em nome do trabalhador. É dose, no terceiro milênio, ter que conviver com tais excrecências...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Esquerda gaudéria do Bové, Chaves e Fidel está faceira com o Rio Grande espeloteado

Assim como tem gente esbravejando contra tudo de ruim que assola a parte mais Meridional do Brasil existe uma turma faceira com este Rio Grande espeloteado. A vida é assim, a unanimidade é burra já dizia Nelson Rodrigues.

Relativamente à faceirice não há como negar, a nossa esquerda gaudéria está chegando lá. Os caras dessa esquerda estão mais faceiros do que guri de bombacha nova porque tudo foi de causo pensado.

Ao contrário de outras unidades da Federação que agora fraquejam, aqui no Rio Grande foi pensando. Há lista enorme de ações que a indiada guapa desta terra botou ladeira abaixo para esgualpear as forças que impediam que nossas façanhas servissem de modelo a toda terra.

Um primeiro recado para mostrar que as coisas aqui começavam a mudar foi dado ao mundo velho sem fronteira quando a vibrante esquerda gaudéria fincou a bandeira de Cuba no Palácio Piratini. Teve gente que molhou a calcinha de emoção ao ver a bandeira tremulando, tremulando, tremulando na janela da sede do governo do novo tempo e a inveja se revigorou nos quatro cantos do Planeta.

Nesse passado recente que mostra toda a visão futurista da esquerda nascida nos galpões de fogo de chão, cevando mate nas noites frias do Minuano soprando gélido pelas bandas da Bossoroca temos outro lance extraordinário em tal trajetória. Quando foi o momento de discutir o outro mundo possível dentro de nossas possibilidades para cá veio o companheiro Hugo Chaves. Ele encheu um avião e veio falar sobre o mundo novo. Foi outro momento de emoções molhadas e, para os eternos críticos, restou dizer que, afinal quem se acostumou com sabugo pouco estranharia a falta de papel higiênico.

Lindo, ainda, foi ver a multinacional metida a besta, cujo criador metido a besta inventou a linha de montagem, meter o rabo entre as pernas e correr daqui acompanhada de umas três dezenas de outras empresas. Assistir a Ford recolher suas trouxas e alugar bois de cangas para se andar com sua carga, umedeceu cuecas e calcinhas pelo Rio Grande a fora. Sentiram? Como cantou Roberto Carlos, foram muitas emoções.

Para provar que a gente se tornava espoleteada a guapa esquerda gaudéria trouxe representante da fina flor da intelectualidade francesa da época, grande líder de prestígio na terra da liberdade, da igualdade e da fraternidade: José Bové. Homem futurista veio aqui para acabar com as bobagens de campos experimentais na busca de produzir mais comida. Molhado de emoção o exército Brancalone de homens e mulheres da pampa de Sepé saiu atrás de Bové destruindo experimentos agrícolas. O grande líder mundial também incompreendido em sua terra natal (ao concorrer a presidente da França mal passou de um por cento de votos) teve aqui seus seis dias de glória.

Para ilustrar essa brilhante trajetória lembrou outro fato: foi um nobre gaudério quem fez xixi em cima dos princípios da figura sagrada do asilo político e entregou dois pugilistas que vieram para o Pan e desertaram para seus algozes.

Assim, é covardia não reconhecer a bela contribuição da esquerda gaudéria para o espoleteamento do Estado. E, ainda, é feio não fazer um alerta: depois disse tudo e outras coisinhas mais, qual a imagem do Rio Grande do Sul nesse mundo velho sem porteiras? Alguém vai ter coragem de vir aplicar sua grana e montar empresa aqui? Deboche tem hora.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Por falta de manteiga polarização será entre direita & extrema direita

Em declaração à imprensa Fernando Haddad, prefeito derrotado de São Paulo, disse que "a esquerda brasileira nunca conviveu com uma situação tão adversa como a atual." E sentenciou que de agora em diante a polarização no embate político, no Brasil, será entre direita e extrema direita. Como a esquerda passa de ator principal para ser só coadjuvante? É algo tipo ser ou não ser?

Obviamente, para chegar ao drama shakespeariano elenca uma série de fatores, a começar pela globalização. Apenas de raspão, num tiquinho de história, a esquerda teria algum tipo de responsabilidade no fato de seus candidatos levarem pontapé nos fundilhos dos eleitores.

Algumas coisas que o Haddad afirma são de chorar. Após 25 anos da esquerda (Itamar, FHC, Lula e Dilma) governar tendo oposição direitista 200 por cento fajuta, o prefeito não se vê vivendo numa República, pois nossas instituições funcionam ainda muito na base de facção; pessoas que não poderiam ter lado – desembargadores, juízes, jornalistas – tem. Sacaram? A esquerda não conseguiu aparelhar totalmente o aparato estatal e se ralou? É de chorar!

Entre as joias ditas pelo homem que fortaleceram a direita estão, por exemplo, na dificuldade em cortar super salários no judiciário (o mais caro do mundo) e na difícil tarefa de enfrentar as corporações. Ele fala como se o PT nunca tivesse a faca e o queijo na mão dentro do Palácio do Planalto.

A pérola das pérolas que ficam subjacentes às explicações do prefeito paulistano e nos levará a uma polarização entre direita e extrema direita a partir de agora está em observação que Lula fez sobre os protestos de 2013 e que não ganhou o destaque que merece. Coisa de bastidores que remete à Rainha Maria Antonieta nos idos de 1780 que disse (historiadores dizem que ela não disse): "se povo não tem pão que coma brioche"

Vamos ao centro da coisa: Haddad declarou à imprensa que o PT leu muito mal os protestos de 2013 que levou milhões às ruas do Brasil. Quer dizer, não entendeu o que acontecia, já que o povo tinha se tornado propriedade privada do partido e fazia algo que a sigla não estava gostando. Povo ingrato?

E qual a leitura? Reproduzo o Haddad: "ela (a leitura) foi a de que tínhamos garantido o pão e que o povo tinha saído às ruas para pedir manteiga. Essa expressão eu ouvi, na época, de alguém muito importante". Provocado pelo repórter um constrangido Haddad confirma que a frase foi de Maria Antonieta, puxa, desculpem a falha técnica, a frase foi do Lula que, ao contrário da rainha, realmente ama o povo.

Apenas para não o criticarem por não falar de flores o prefeito paulistano reconhece que a crise foi muito severa, pois somente "neste ano 3 ministros (ex-ministros) foram presos" (Pallochi, Bernardo e Mantega).

Não surpreende essa análise, a prática da terceirização da responsabilidade pelos seus erros é antigüíssima no espectro à esquerda. A esquerda nunca erra! Um que outro equívoco que o povo ingrato não sabe tolerar.

Assim, pela equivocada pressa do povo em exigir manteiga (não podia ser margarina, que é mais barata?) estaremos no olho do furacão dessa polarização entre direita e extrema direita. Como em todas as partes do mundo as incompreendidas forças do bem que movem os Haddads não concluirão sua missão por causa de um produto que faltou na cesta básica. Pode? Esse povo ingrato deveria olhar para a Venezuela onde nem papel higiênico tem, né Lula?

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Deus se arrepende, Fidel e os seus seguidores não!

Como o reles mortal pode deixar de adorar o tirano, o assassino se intelectuais como Garcia Marques, Oscar Niemayer, Eduardo Galeano, Frei Beto e políticos como Lula e Dilma acham Fidel Castro o máximo? Queiramos ou não, há quem aplaude quem coloca cabresto nos outros, quem trata o povo como gado no pasto, como Fidel em sua fazendola caribenha, ou melhor, na sua ilha transformada na maior prisão do Planeta.

O que leva tais pessoas apoiar, aplaudir a tirania feroz dos Castro? Sim, ele tinha boas intenções, mas delas o inferno está lotado – não há desumanidade maior do que aplaudir o que fizeram em Cuba implantado um Estado policialesco com um dedo duro por quadra (cada membro CDR escolhido pelo Partido Comunista Cubano).

Quando se trata de utopias (em regra insanas) vale a intenção jamais o resultado. Com Guevara (homofóbico, racista carniceiro do Caribe) e outros Fidel busca o homem novo (imitando Santo Agostinho?) sem se importar com o preço em vidas humanas. Foi mistura trágica. Tão trágica que apesar de aplausos frenéticos nunca se noticiou sobre fugas em massa em direção à Cuba – o contrário foi rotina.

Fuzilar, torturar, prender como se atingido por inefável flatulência não conta. Só vale que tentou o homem novo. Estuprar a democracia, os partidos, esmagar a liberdade, extinguir direitos humanos foram acidentes? Estabelecer que tirante a turma da nomenclatura a lerda deve ser para todos, letrados ou não, é o que se aplaude agora.

Num mundo eivado de distorções, injustiças é difícil não se contaminar pelo carisma que busca o paraíso mesmo que depois venha o inferno. Sem reconhecer erros, atrocidades, mortes vãs, Fidel e seu regime comunista queriam o paraíso, mas o império – sempre ele com seus burgueses, capitalistas, exploradores – levou seu time a criar o inferno? Conta outra, essa de culpar os EE.UU só reforça o complexo de vira-lata que tentam impingir na gente com essa mania de terceirizar responsabilidades.

Fidel e seguidores não fazem autocritica. Deus sim, como em Gênesis 9.11 ("E eu convosco estabeleço a minha aliança, que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio, e que não haverá mais dilúvio, para destruir a terra") pode até se arrepender, Fidel jamais. Deus demonstra piedade, Fidel e seus seguidores não.

Minha geração – na idade da quiromania – aplaudiu os barbudos que em 1959 entram triunfantes em Havana para expulsar o ditador Batista e turistas ianques que adoravam sexo com as putas cubanas, tidas como "calientes". Desde então a história não parou e levou Cuba à ditadura que expandiu para toda a ilha a prostituição antes restrita à capital, hoje (pasmem!) uma grande fonte da economia que engorda o PIB – e a parte da piaçada que aplaudiu Sierra Maestra não cresce e continua onanista.

E nada mais grotesco que ver nossa esquerda vociferar por democracia enquanto acha mil motivos para esquizofrenicamente aplaudir o tirano Fidel e sua obra ao mesmo tempo que condena os incautos que pedem o retorno da ditadura entre nós. Tem coisa mais maluca do que condenar quem deseja tirania aplaudindo uma tirania?

Jon Lee Anderson, jornalista que publicará nova biografia de Fidel sentencia: "A esquerda que ele inaugurou morre agora, vai desaparecendo com essas figuras burlescas do que ele foi, como Nicolás Maduro (Venezuela) ou Daniel Ortega (Nicarágua)".

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Qual o seu ditador preferido?

Em Cuba onde participou do velório de Fidel Castro, o ex-presidente Lula disse, ao se referir ao morto: "ele foi um exemplo magnífico para todos os povos da América Latina". Exemplo de que, mesmo, oh cabra da peste? Claro, exemplo de alguma coisa foi mesmo, mas sem esclarecer Lula dá a entender que está elogiando um dos piores ditadores do continente.

Por sua vez a nossa ex-presidente Dilma Rousseff lascou algo que se pode se tornar emblemático: "poucas vezes conheci uma pessoa com o comportamento e a dignidade de Fidel." E completou: "os jornalistas não tratam Fidel com o respeito que merece". Alguém consegue imaginar o passa na cabeça de uma pessoa que sentiu na própria carne os efeitos de uma ditadura para elogiar um ditador que foi muito pior do que seus algozes?

Um amigo meu adora Fidel porque ele peitou os Estados Unidos. Simples. Lindo de ver o fracote desafiando o grandão, isso dá uma excitação fantástica. Mas é um argumento forte principalmente entre os jovens desta América Latina que padece do terrível complexo de virar-lata, ou seja, estamos cheios de problemas porque a turma do Tio Sam gosta de explorar a gente. Acostumados a culpar os outros por nossa incompetência, nossa preguiça, nossa filosofia de Macunaíma encontramos em Fidel um avalista de peso para aplacar nossa consciência. Como a gente inveja quem tem sucesso não tem coisa mais fácil de fazer do que execrar a meca do capitalismo, mesmo que a gente dependa deles para sobreviver.

Mais, é grande o número de professores, em sala de aula, encontrando motivos para elogiar uma das ditaduras mais longas do Planeta e enaltecer um tirano homofóbico que dizia, ao se referir aos gays que recolheu para campos de trabalhos forçados: "um desvio dessa natureza contraria o conceito de militante comunista".

Nesse lero-lero de sala de aula o hilário é que ao mesmo tempo, o professor ilustre senta o cacete (aí com razão!?) na ditadura militar brasileira. Consciente ou não o mestre está dando força especial à campanha "adote um ditador". Acho bonito isso de ter "meu ditador preferido". O mundo está cheio deles, na África proliferam sendo alguns inclusive apoiados por "democratas" brasileiros. Tem alguns que são conhecidos pela corrupção, outros pela violência, outros ainda pela corrupção e violência ao mesmo tempo como foi o caso de Fidel e é o caso de Mbasogo da Guiné Equatorial, outros ainda são conhecidos, ainda, por suas taras sexuais como Bolkiah, de Brunei.

Isso de escolher e depois adorar ditador é realmente algo muito complexo no ser humano. Quer dizer, tem gosto para tudo, não é fácil compreender tal postura, pois incontáveis são as motivações, tanto à esquerda, como à direita.

É uma cultura esquisita que os mais radicais na condenação disso falam que se trata de sadomasoquismo exacerbado. Outros, ainda, em subdesenvolvimento mental. Não chego a tanto. Acho que é falta de argumentos, falta de projeto alternativo. Lembra-se da rapidez com que nossa elite intelectual de esquerda assumiu Hugo Chaves como um novo salvador da Pátria. Assim como alguns adotam um Deus cruel que exige até nosso sangue, tem ideologias que cegam e não importa a quantia de insanidades nem a dimensão dos assassinatos, nem o nível de sofrimento imposto ao povo o tirano sempre será seu guia.

Com a morte de Fidel vou ficar de olho, de hora em diante, para ver qual vai ser o novo ditador preferido de Lula e da Dilma...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Na República Federativa da Odebrecht não há distinção entre esquerda e direita

UM - Na República Federativa da Odebrecht, (elitista e direitista), a democracia é invejável. Fator relevante para avaliar se um regime é democrático ou não, está na forma de como são tratados os partidos políticos. Lembrem-se, sem partidos não há democracia. E, nesse quesito vital, a República da Odebrecht é exemplar. Partidos de esquerda, de centro, partidos de direita, isso não importa, todos têm mesada garantida.

A grana, para políticos, é sem conotação ideológica: PT, PMDB, PSDB, DEM, PTB, PP, PCdoB, PSB, PPS, PSD foram bem tratados. Digno de elogios é o fato da República Federativa da Odebrecht não tripudiar em partidos de esquerda, os que dizem representar o povo pobre como Partido dos Trabalhadores, Partido Socialista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil.

Isso é bonitaço barbaridade, e serve de exemplo a outras democracias. Mesmo sabendo que esses partidos odeiam os poderosos, execram as elites, abominam a direita os dirigentes da República Federativa da Odebrecht sempre alcançaram grâninha para comunista e esquerda em geral. Adiante veremos como a coisa funciona na República da Queiroz Galvão, na República da Andrade Gutierrez, da República da Camargo Corrêa, na República da OAS, na República da Galvão Engenharia e outras.

DOIS - O pepino extraordinário que a República da Odebrecht cria para nós brasileiros, em especial para o espectro mais a esquerda, é que ficará patético culpar os Estados Unidos pelo lixo institucional que implantamos na República Federativa do Brasil, agora Odebrecht, desde a redemocratização. Quem demonizar agora pela sujeira que emporcalha os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário? Como era fácil culpar o Tio Sam pelas nossas mazelas! Bons tempos aqueles.

Como nem tudo está perdido, este pode ser o momento de aposentar o complexo de vira-lata, de coitadinho que persegue os latino-americanos e, de modo particular, os brasileiros. Agora que o Brasil, do ponto de vista político, mostra sua cara chega a hora de parar de culpar os outros por nossa falta de competência, de ética, de vergonha.

TRÊS - A tragédia hilária no contexto da República Federativa da Odebrecht se verifica no costume que surgiu, de repente, das pessoas - em particular no espectro mais a esquerda - adotarem corruptos. Na filosofia do complexo de vira-lata corruptos são adotados e ficam sob forte proteção como se malandro de esquerda tivesse licença especial para roubar e corromper. Quem consegue explicar gentileza enviar carta.

QUATRO - Nesse monstrengo que se constitui a República da Odebrecht não há palavra no dicionário para definir o cidadão que, vociferando como hiena acuada, culpou a Operação Lava-Jato pelo desemprego no Brasil. Cumprir a lei, colocar ladrão na cadeia não deve ser preocupação para o lacaio...

CINCO - No calendário da história o Brasil saiu da ditadura na semana passada e é realmente deprimente constatar que, em tão curto espaço de tempo a esquerda consegue ser tão pobre, ineficiente, corrupta quanto a direita que condenava. Em curto espaço de tempo matamos a utopia e traímos quem brigou para superar o arbítrio e nos comportamos como se nada tivéssemos com isso!

SEIS - Como explicar esse fenômeno? Quando deixarmos a baboseira de lado para refletir a realidade que nos afeta - deficiências em saúde e educação, estrondosa criminalidade, índices sem precedentes em roubos, assaltos, latrocínios, violência contra mulher, mortalidade no trânsito, desemprego - de modo objetivo? Quem é responsável pelos graves e assustadores problemas de hoje?

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Dilma ia mexer na aposentadoria, cortar pessoal e queria teto de gastos

Nada como um dia depois do outro.

Em janeiro de 2016 a presidente Dilma Rousseff toma café da manhã com jornalista. Não ficou claro que tipo de mídia participou da comilança nem os tipos de acepipes servidos. Dilma disse na ocasião que pretendia "buscar o reequilíbrio fiscal nos próximos meses por meio de ações que vão exigir diálogo com o Congresso Nacional". Segundo ela, a aprovação de medidas tributárias como o retorno da CPMF serão o esforço do governo nos próximos três meses, mas confirmou que não haverá um "coelho da cartola" para salvar a economia.

Salvar a economia? Dilma queria salvar a economia? Quem colocou a economia em risco? Alguém sabe? Mas é bom ter presente que a presidente Dilma Rousseff estava no seu segundo mandato e queria salvar a economia brasileira! Coisa esquisita!

Segundo a mídia, em sinalização ao PT e aos movimentos de base que a apoiam, disse que é preciso voltar a discutir reformas como a previdência. "Nós vamos encarar a reforma da previdência, sempre considerando que ela tem a ver com modificação na idade e no comportamento etário da população brasileira. Estamos envelhecendo mais e morrendo menos. Não é possível que a idade média de aposentadoria no Brasil seja 55 anos. Para as mulheres um pouco menos", declarou.

A durona Dilma foi clara: impossível se aposentar com 55 anos de idade! Não foi coisa de coxinha, de elite branca de odeia o povo, de mídia golpista. Foi decisão de gente que defende o povo e sabe que um futuro incerto e não sabido pode ser o caos!

Sacaram? Quer dizer, para salvar o Brasil era necessário mexer na previdência nas palavras da Presidente. Assim, o projeto do Michel Temer não tem a ver com SER mau ou bonzinho. O projeto atual até pode estar totalmente equivocado, mas mexer na previdência significa seguir à risca o que desejava a titular do cargo, a Dilma durona.

A mídia registra que "de acordo com a presidente, no futuro vai haver menos pessoas trabalhando para sustentar mais gente, seja os mais velhos, que têm uma expectativa de vida maior, seja os mais novos, que ainda estão nascendo".

A mídia informou em janeiro que de "acordo com Dilma, o governo continua trabalhando para a redução de cargos prometida em 2015 com a reforma administrativa, dos três mil cargos comissionados que devem ser cortados a conta já foi fechada em quatro ministérios, segundo ela". A máquina estava inchada e também ajudou a colocar a economia em risco? Está todo mundo demitindo hoje como Dilma pretendia fazer.

Nada como um dia depois do outro!

Em março desse ano o então ministro da Fazenda Nelson Barbosa anunciou um pacote de medidas que seria enviado ao Congresso Nacional para reequilibrar as contas públicas. As contas estavam desequilibradas? Quem desequilibrou? Quem, quem? Falou em Projeto de Lei Complementar que incluiria um teto para o gasto público, similar à PEC 241 do Temer, mas com algumas diferenças. Ao invés de alterar a Constituição para criar o teto que limita os gastos por 20 anos, o PLC sugerido por Barbosa estabelecia limite para as despesas do Plano Plurianual, que geraria valor limite na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) durante 4 anos.

No Brasil de hoje nada como um dia depois do outro: quem diria que o Temer golpista seguiria à risca o programa de governo da Dilma durona?

Fica claro que essa histeria da militância da esquerda é cortina de fumaça para engambelar a gente. Como diz o psiquiatra Valter Daudt em seu excelente livro "A vida em pequenas histórias", A VERDADE É MAIS TRABALHOSA.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Qual “a” lição de 2016?

Certo, 2016 não foi fácil.

Da corrupção à crise econômica e política, foram grandes terremotos seguidos por terríveis tsunamis quase sem tempo para tomar fôlego.

Menos mal, apesar de tudo, nossas instituições aguentaram o tranco. Com todos percalços vivemos nosso mais longo período democrático. Óbvio, não é coisa pouca.

E ainda fica bom material para estudo. Há sempre um interessado em descobrir que tipo de ensinamento se pode tirar de tudo o que ocorreu.

Cada um terá sua opinião e fará suas escolhas. Para não poucos – parte daqueles que estiveram nas ruas nos anos de chumbo terçando pela democracia – a sensação de tempo desperdiçado deixa gosto amargo na boca.

Nada mais triste do que essa figura que lembra os espantalhos na qual se tornou o símbolo mor da luta por um mundo novo: Luiz Inácio Lula da Silva.

Jogar tudo nele é covardia. A coisa é mais complexa nessa de tempo perdido que 2016 confirma e atira em nossas caras. Difícilmente outra geração será tão irresponsável e incompetente como essa que assumiu após o fim do regime militar.

O que os jovens de esquerda dos anos de 1960 – tidos como o futuro o País – implantaram em Brasília foi simulacro de utopia.

Poucas vezes se traiu tanto a expectativa de um povo, de uma Nação.

Vamos usar o plural: juntamos o que foi construído nos vinte anos de luta contra o arbítrio e jogamos na latrina. Em seguida puxamos a descarga. Desconsideramos os mortos, os torturados, os exilados, os presos e cada um foi cuidar de sua própria vida.

O homem que se vira símbolo da geração que resiste à ditadura, que sai à ruas pedindo voto, que ganha quatro eleições resume o que ocorreu com a cúpula de tudo o que se chamou de esquerda no Brasil: se deslumbrou com o poder, com o luxo, com a ostentação e se torna peão fiel daqueles que dizia odiar.

A elite dessa que seria a geração libertária passou 2016 dando explicações sobre suas trapaças, suas malandragens, sua empáfia de novo rico. Como pode?

Nada mais emblemático dessa farsa o que megaempresário Marcelo Odebrecht, declarou sobre Lula, o líder dos trabalhadores que serviu aos ricos com rara devoção.

O que declarou, afinal, sob as penas da lei, seu Odebrecht? Disse que uma espécie de conta que a empresa mantinha em nome de Luiz Inácio Lula da Silva tinha o objetivo de manter o petista influente depois que saísse da Presidência da República.

Precisa dizer mais para definir a ética do homem, do grupo, da utopia?

Claro que não, mas Marcelo disse mais: “outro meio de consolidar a influência política de Lula foi descrita por meio de financiamentos de campanha de líderes de esquerda latino-americanos em países onde a empreiteira tem atuação”.

Realmente, quem sabia fez a hora! A direita financiar a esquerda para continuar mandando é algo que nem lunático imaginou. Esquerda recebendo regimento para servir a direita beira à insanidade! O que diria Marx, numa hora dessas?

Nesse quadro qual o alerta, ou a lição que fica de 2016? Inova-se na forma, mas no conteúdo nada de novo, pois parece que tudo se repete, se repete, se repete.

Nos próximos anos cuidado com aventureiros das receitas fáceis, demagogos da conversa macia. Não podemos descuidar porque é urgente tentar voltar para o futuro e recuperar esse tempo perdido!

Feliz 2017 a todos!